

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MONTEMOR-O-VELHO, JUNTO DA TURMA
DO 12º B NO ANO LECTIVO 2011/2012**

PEDRO MIGUEL ALVES NUNES CAVALEIRO

COIMBRA

2012

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MONTEMOR-O-VELHO

PEDRO MIGUEL ALVES NUNES CAVALEIRO

Relatório Final de Estágio Pedagógico
apresentado à Faculdade de Ciências do
Desporto e Educação Física da Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do grau de
mestre em Ensino da Educação Física nos
Ensinos Básico e Secundário

Orientador Mestre Miguel Ângelo Fachada

COIMBRA

2012

Citação Bibliográfica:

Cavaleiro, Pedro Miguel A N. (2012). *Relatório de Estágio Pedagógico Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram, desde o primeiro momento da minha formação, para que eu chegasse a esta recta final que culminou com este duro ano de estágio pedagógico.

O meu sincero e profundo agradecimento à co-orientadora Professora Cristina Cachulo, por todo o seu apoio incondicional, enorme compreensão e exímia sabedoria em todos os concelhos que me foi dando ao longo deste último ano. Um reconhecido obrigado pelo seu incentivo e motivação, mas, sobretudo, pelas suas críticas sempre construtivas, que me fizeram crescer e tornar-me numa pessoa mais profissional, orientada e organizada no meu trabalho.

Ao Professor Orientador Miguel Fachada, por todo o conhecimento e acompanhamento constante, por ser mais um a auxiliar-me no meu crescimento como homem e como professor.

Agradecer ao Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho por me ter recebido, a mim e a todos os meus colegas de estágio, de braços abertos, dispostos a ajudar com tudo o que lhes era possível, contribuindo também para o concluir deste ciclo de estudo.

A todos os professores e funcionários, que me trataram sempre de uma forma extraordinária.

A todos os alunos da turma do 12ºB, por me terem ajudado em todos os momentos, mostrando-se sempre disponíveis para participarem e colaborarem em qualquer actividade. Foram eles os meus primeiros alunos e ficarão para sempre marcados na minha memória.

A todos os restantes colegas de estágio, Alexandre, Inês e André. O meu muito obrigado por me terem apoiado em tudo o que puderam, pela paciência que demonstraram, pela compreensão e, acima de tudo, pelos momentos de boa disposição. Além de colegas de trabalho, serão amigos que certamente levarei para toda a vida.

A todos os meus amigos, pelo apoio incondicional nas horas difíceis, eles sabem quem são.

À Joana, por todo o amor, carinho, compreensão, tolerância e por todos os momentos de felicidade que me dá em cada segundo da minha vida.

Aos meus pais e irmão, por terem sido responsáveis pela construção da pessoa que sou hoje. A eles devo-lhes tudo!

OBRIGADO!

"Nos últimos anos tivemos de reconhecer que o professor é a chave derradeira para a mudança na educação e para a melhoria da escola. É aquilo que os professores pensam, aquilo em que crêem e aquilo que fazem ao nível da sala de aula que em última análise define o tipo de aprendizagem feita pelos jovens"

(HARGREAVES, 1994: IX).

RESUMO

O Relatório Final de Estágio Pedagógico está inserido na Unidade Curricular de Estágio Pedagógico e Relatório Final, inserido no plano de estudo do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este Estágio foi desenvolvido no Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho no ano lectivo de 2011/2012.

Ao longo deste documento pretende-se realizar uma análise, reflectida e fundamentada, a todas as aprendizagens realizadas pelo professor. Esta etapa é por mim considerada a mais importante na caminhada da formação do professor de Educação Física. É pretendido que neste ano sejam aplicados todos os conhecimentos apreendidos ao longo de anos de estudo, devidamente orientados.

Numa primeira fase, serão expostas as minhas expectativas iniciais acerca deste processo de Estágio, a realidade por mim encontrada, a descrição dos níveis de ética exigidos a condução do ensino e o compromisso assumido pelas aprendizagens dos alunos, bem como a descrição de todas as actividades realizadas ao longo deste ano lectivo. Nestes pontos destaca-se a exposição de todo o planeamento realizado através da explicação da elaboração do plano anual, onde são também incluídas as Unidades Didácticas e os planos de aula. Ao nível da intervenção pedagógica, são descritas as estratégias ao nível da Gestão, da Instrução, do Clima e dos Estilos de Ensino aplicados nas aulas, para de seguida fazer uma pequena caracterização acerca dos diferentes tipos de avaliação.

Numa fase seguinte, passarei para um ponto em que é feita uma reflexão, começando com as justificações das opções tomadas, onde irei expressar todas as dificuldades sentidas e as formas que encontrei para ultrapassar essas mesmas dificuldades. Já perto do final, serão apresentadas algumas questões dilemáticas, que foram surgindo ao longo do ano, das quais irei aprofundar uma em especial.

Em jeito de conclusão, será feita uma análise a todo o percurso realizado até final. Este é um processo que me permitiu desenvolver como profissional na área educativa, mas também como homem e como investigador.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA; ESTÁGIO PEDAGÓGICO; PROFESSOR

ABSTRACT

The Final Report of Practicum is interpolated in the Course of Pedagogic Stage and Final Report, included in the study plan of the 2nd year of the Masters in Teaching Physical Education in Elementary and Secondary Education, Faculty of Sport Sciences and Physical Education at the University of Coimbra. This Stage was developed in the Group of Schools of Montemor-o-Velho in the academic year 2011/2012.

Throughout this document I intend to perform an analysis, reflected and justified of all the learning achieved. This step, is for me the most important journey in the teacher of Physical Education. It is intended that on this year is applied all knowledge acquired through years of study, fully focused.

Initially, will be displayed my initial expectations on this process stage, the reality I found, the description of ethical levels of conduct required in the existing education and commitment to students learning, and a description of all activities held throughout this school year. At these points there is the exhibition of all the planning done by explaining the preparation of the annual plan, where are also included the didactic units and lesson plans. In terms of pedagogic intervention, the strategies are described in terms of the Management, Instruction, Climate and Teaching Methods applied in the classroom; I also adress work in different types of evaluation.

Then, we move on to a point where a reflection is made, starting with the justifications of the choices made, where I will express all the difficulties and the ways I found to overcome the same difficulties. Toward the end, will be presented some dilemmas that arose during the year, which i will deepen one in particular.

In conclusion, an analysis will be made to all the journey undertaken till the end. This is a process that allowed me to develop as a professional in the educational field, but also as a man and as an investigator.

KEYWORDS: PHYSICAL EDUCATION, TRAINING EDUCATIONAL;
TEACHER

Índice

INTRODUÇÃO	2
EXPECTATIVAS INICIAIS	4
REALIDADE ENCONTRADA	6
Escola	6
Grupo Educação Física e Restante Comunidade Escolar	7
Turma	9
ÉTICA PROFISSIONAL	9
Compromisso com as aprendizagens dos alunos	11
DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS	12
Planeamento	12
Plano anual	12
Unidades Didácticas	15
Planos de Aula	16
REALIZAÇÃO / INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	18
Gestão	18
Instrução	19
Clima/Disciplina	21
Estilo de ensino	22
Avaliação	23
Avaliação Diagnóstica	24
Avaliação Formativa	25
Avaliação Sumativa	27
JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS	28
REFLEXÃO	31
Inovação nas práticas pedagógicas	33
Dificuldades sentidas e formas de resolução	34
Questões Dilemáticas	37
APROFUNDAMENTO DO TEMA / PROBLEMA	40
CONCLUSÕES	48
Experiência pessoal e profissional	48
BIBLIOGRAFIA	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se na Unidade Curricular de Estágio Pedagógico e apresenta-se como a última tarefa a apresentar no final do ano lectivo de 2011/2012, do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O *Relatório de Estágio* é um documento que procura evidenciar as aprendizagens alcançadas no âmbito do Estágio Pedagógico. Deste modo, pretende-se a realização de uma reflexão estruturada e apoiada de todo o trabalho desenvolvido no decorrer do ano lectivo pelo professor estagiário, tendo em conta as expectativas e opções iniciais, a evolução operada no estágio, as aprendizagens realizadas, a importância do trabalho individual e de grupo e as conclusões referentes à formação individual, à experiência do estágio e às necessidades de formação contínua. Para além disto, debater-se-á um tema/problema verificado ao longo de todo este processo. Assim, este documento estrutura-se segundo duas vias fundamentais: num primeiro capítulo, de carácter descritivo, são apresentadas as expectativas e opções iniciais em relação ao processo de estágio; num segundo momento, relatam-se os procedimentos que sustentaram o desenvolvimento curricular preconizado para a Turma do 12º B do Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho, apresentando-se o rumo traçado durante todo o ano lectivo.

Durante todo este processo de estágio, foram adoptadas determinadas estratégias reflexivas por parte da orientadora, que me ajudaram a incrementar um conjunto de competências pedagógicas e didácticas que facilitaram e melhoraram o ensino da Educação Física durante este ano lectivo e que foram fundamentais para um crescimento sustentável do meu desempenho profissional. Neste documento, é também apresentado o “código de conduta” a ter pelo professor estagiário, assente numa forte ética profissional, designadamente na capacidade de trabalho em equipa, no sentido de responsabilidade, assiduidade, pontualidade, apresentação e conduta pessoal perante os alunos, sendo que é para eles que trabalhamos e para os quais recaem todas as nossas atenções e preocupações.

Todo este processo é sustentado no Guia de Estágio e, segundo o mesmo, visa-se “o aprofundamento dos conhecimentos científicos nas ciências básicas da actividade física, desenvolvendo-os no contexto de uma formação educacional especializada, na didáctica específica da Educação Física e na gestão escolar, aplicando-os em situações de exercício profissional não familiares em que as capacidades de auto-aprendizagem e de resolução de problemas se articulem com competências aprofundadas de pesquisa educacional. O mestrado promove uma preparação especializada para a aplicação de conhecimentos em contextos alargados e multidisciplinares de intervenção profissional nos ensinos básico e secundário, designadamente nas áreas do desenvolvimento curricular, da investigação educacional aplicada e da administração escolar” (Guia de Estágio, 2011 - 2012, FCDEF-UC).

Pedro Miguel Alves Nunes Cavaleiro, aluno nº 2007020700 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

EXPECTATIVAS INICIAIS

As minhas expectativas em relação ao Estágio Pedagógico eram altas, pois o momento de contacto real com os alunos e demais intervenientes da escola parecia-me ser o concretizar de algo que tinha vindo a preparar ao longo dos anos enquanto aluno. Assumi este processo como um concluir de um ciclo de estudos, algo que seria extremamente importante para a minha formação académica e profissional. Apesar de ter a sensação que iria ser trabalhoso, sempre julguei ser bastante recompensador pela aprendizagem e experiência. Sabia, *a priori*, que iria requerer imenso esforço da minha parte, no entanto, era com grande ansiedade que esperava pelo momento de iniciação do mesmo.

Um dos maiores receios iniciais prendia-se com o nível da fluidez de discurso que é exigido a um professor, dado que um dos meus grandes problemas sempre foi estar exposto a qualquer situação com vários olhos apontados na minha direcção como “um exemplo a seguir”. Tinha em mente, e continuo a ter, que os alunos olham para nós, professores, como os grandes transmissores de atitudes, valores morais e hábitos de vida saudáveis, elevando os níveis de formação cívica, física e desportiva.

Antes de todo este processo se iniciar, esperava ser capaz de transmitir aos alunos os conteúdos necessários e programados no Programa Nacional de Educação Física e permitir, aos mesmos, a aquisição de habilidades e capacidades básicas de forma a desempenhar o meu papel com coerência, com grande profissionalismo e, acima de tudo, competência, pois os alunos vêem no professor não só um exemplo, mas também uma pessoa capaz de transmitir conhecimentos de uma forma segura e correcta acerca da disciplina. Esta foi, sem dúvida, mais uma expectativa elevada para este estágio: até que ponto seria eu capaz de ultrapassar toda esta pressão de estar perante uma turma.

“O estágio, surge assim, como uma componente fundamental do processo de formação do aluno estagiário, pois é a forma de fazer a transição de aluno para professor “aluno de tantos anos descobre-se no lugar de professor” Machado (1999).

O preparar das aulas era mais uma tarefa a cumprir que eu sentia que não poderia falhar para que a minha “mensagem” fosse correctamente passada.

Fui-me apercebendo que conseguia proceder ao seu planeamento, dentro dos objectivos que fossem pedidos, e, também, minimamente, era capaz de a leccionar. Como é óbvio, muitas foram as dificuldades iniciais sentidas, mas o meu objectivo de as corrigir e ultrapassar com o estágio, mantinha-se.

Relativamente às relações interpessoais com os alunos, esperava manter uma relação tanto de proximidade como de relativa distância, isto é, não pretendia que as aulas fossem aulas demasiadamente directivas, apenas num só sentido do professor para o aluno, pretendia, sim, que houvesse também uma aprendizagem mútua e que a aula fosse dinâmica e de interacção. No entanto, e ciente que por vezes os alunos destas idades se aproveitam de uma ou de outra situação de maior familiaridade com o professor que seja mais tolerante, jamais admitiria comportamentos de desvio ou faltas de respeito para comigo.

Este estágio pedagógico, para além da aprendizagem diária com o preparar das aulas e contacto com os alunos, seria também uma oportunidade para dominar, pesquisar e investigar mais informação acerca das matérias abordadas nas aulas, para que estivesse mais por dentro não só do ensino das mesmas, mas também das regras, conhecimentos gerais, entre outros. Era minha intenção com este estágio aprender imenso com a co-orientadora e com os meus colegas de estágio, pois todos temos maneiras diferentes de ver as mesmas situações e as trocas de ideias são sempre factores importantes para boas decisões, desde que bem fundamentadas.

Por último, outro dos meus objectivos prendia-se com o acompanhamento do cargo do coordenador do Desporto Escolar. Por ter sido um antigo aluno deste Agrupamento de Escolas, estava a par do inúmero leque de ofertas desportivas que esta escola fornece aos alunos.

REALIDADE ENCONTRADA

Escola

A minha escolha para a realização do estágio pedagógico recaiu para o Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho por três aspectos fundamentais: a proximidade desta Escola com o meu local de residência, o facto de ter sido esta escola que me acolheu enquanto estudante do ensino secundário e, principalmente, conhecer a co-orientadora dos estágios de Educação Física, consistindo, por isso, numa excelente oportunidade de ser orientado por uma profissional exemplar. Dessa forma, conjugando estes três factores pessoais, emocionais e profissionais, decidi escolher este espaço para a realização do meu estágio, uma vez que me oferecia todas as condições para poder evoluir quer profissionalmente, quer como pessoa.

A escola sofreu alguns ajustes com a passagem a Mega-Agrupamento, que vieram a transformar-se em melhorias visíveis em todas as condições físicas e logísticas, inclusive as instalações desportivas. Os recursos espaciais aumentaram e em conjunto com o Pavilhão Municipal é possível, nesta escola, leccionar a disciplina de Educação Física estejam ou não condições meteorológicas favoráveis. A escola está apetrechada com três campos descobertos com as marcações de Basquetebol, FutSal e Andebol, permitindo que para além de mais facilmente se colocar toda uma turma (no meu caso uma turma numerosa) em alto tempo de empenhamento motor por haver espaço suficiente para isso, serve também como facilitador de transmissão de conteúdos relativos às diferentes matérias que abordamos ao longo do ano, pois este espaço tem condições que assim o permitem. Relativamente aos recursos materiais, esta é também uma escola que, comparada com muitas escolas que talvez irei encontrar durante a minha carreira, está bastante bem equipada. No entanto, no 2º Período na Unidade Didáctica de Ginástica de Aparelhos, tive alguma dificuldade em ter disponível o mini-trampolim para a minha aula, uma vez que uma colega leccionava ao mesmo tempo a mesma modalidade. Ainda assim, devido ao excelente clima que sempre se denotou no Grupo Disciplinar, com algum diálogo e compreensão, coordenámos a

utilização do aparelho de forma a não colocar a evolução dos alunos em risco. Já em relação às restantes modalidades abordadas ao longo do ano, sempre existiu bastante material, de elevada qualidade, para uma leccionação correcta das aulas. Dado a disciplina de Educação Física deter escassos recursos temporais, este foi um factor facilitador da aprendizagem dos alunos.

Grupo Educação Física e Restante Comunidade Escolar

Relativamente ao corpo docente, sempre existiu um bom ambiente entre toda a comunidade docente da escola; todos os professores nos aceitaram extremamente bem, fomos bem recebidos e, durante todo o ano, fomos tratados de forma igual. Ainda assim, o clima sentido e vivido dentro da Área Disciplinar de Educação Física foi algo que me surpreendeu pela positiva, apesar de já conhecer grande parte deste corpo docente, uma vez que alguns deles já haviam sido meus professores aquando da minha passagem pela escola como estudante do 5º ao 12º ano. A relação mantida com este grupo foi sempre de respeito mútuo, com uma grande amizade e lealdade construída ao longo do tempo e também eles foram responsáveis pelo meu crescimento enquanto professor. O ambiente verificado nas reuniões realizadas durante o ano lectivo, mostrou-me um grupo coeso, que respeita as opiniões de todos, procurando sempre inovar e descobrir novas técnicas pedagógicas que possibilitem a melhoria do seu trabalho docente e consequentemente as aprendizagens dos alunos, apostando numa formação contínua. Procuraram sempre melhorar os seus saberes relativamente a matérias menos conhecidas por eles, através de uma interacção entre todos, que possibilitasse a troca de experiências. As reuniões mostraram ser de grande importância (como explicarei mais a frente), pois ajudaram-me a perceber alguns dos procedimentos utilizados dentro do grupo disciplinar. Apesar da maior parte das vezes recorrer à co-orientadora para encontrar alguma solução para alguma dificuldade que me aparecesse no meu caminho, dificultando o planeamento das minhas aulas, todos sempre se mostraram disponíveis para ajudar em tudo o que pudessem, permitindo-me, ao recolher informações de vários docentes, chegar a conclusões mais certas e práticas mais rentáveis de leccionação de

determinados conteúdos. Todos os professores da área disciplinar se mostraram sempre compreensivos comigo e com os meus restantes colegas de estágio, facilitando na cedência de espaços, de material que, em muitas das vezes, eles teriam direito a utilizar.

Dentro desta comunidade escolar há que salientar a função de extrema importância que as auxiliares de acção educativa desempenham para regular o bom funcionamento das aulas. Embora tenha tido contacto com praticamente todos estes funcionários enquanto aluno, pude observar e constatar este ano, especificamente, as funcionárias que mais de perto convivem com a área da Educação Física, exercendo funções que tornam possível a melhoria do ensino, como a D^a Rosário e a D^a Laurinda, que sempre se mostram disponíveis para nos facilitar o transporte e arrumo de material, preocupando-se com o espaço livre para aula e com a libertação dos balneários para higiene pessoal dos alunos, possibilitando aumentar, dessa forma, o tempo de aula e, conseqüentemente, a exercitação dos diversos conteúdos. Posto isto, é da minha opinião que todos os professores deverão respeitar o trabalho realizado por estas funcionárias, que tanto trabalham para o bom funcionamento das aulas e do quotidiano escolar. Desta forma, posso afirmar que a integração no meio escolar decorreu da melhor maneira possível, não descurando o facto de já haver da minha parte um conhecimento prévio da escola, o que facilitou em muito esta integração, nomeadamente no reforço de relação com os docentes que a Área Disciplinar de Educação Física detém, todos de enorme competência, ficando o desejo pessoal de um dia mais tarde poder voltar a exercer a profissão de professor neste espaço, ou, pelo menos, poder ter a sorte de encontrar noutras escolas, recursos espaciais e, especialmente, humanos, idênticos, que possibilitam a constante evolução das técnicas pedagógicas.

Turma

A minha turma era constituída por 27 alunos, em que 10 são raparigas e 17 são rapazes. Por ser uma turma maioritariamente com alunos do sexo masculino, e com grandes níveis de distração, torna-se um pouco mais difícil de controlar a turma aquando das instruções. No início do ano lectivo, foi feito um levantamento acerca das características indiciais desta turma. Ao longo do tempo, a devido à relação que mantinha com os alunos, fê-los entender quais eram as minhas ideias para que as aulas decorressem sem grandes problemas. Foi-se notando uma adaptação dos alunos ao professor, assim como o professor aos alunos. *“Estar sempre atento ao seu papel de agente renovador e transformador da comunidade de onde ele, via regra, se apresenta como um líder natural. As pessoas e os grupos sociais - dependendo da classe a que pertençam - apresentam características especiais de comportamento, interesses e aspirações que os determinam ou condicionam.” Medina (1991).* Por ambas as partes conhecerem, desde logo, os “limites”, foi possível que, ao longo de todo o processo de estágio, não houvesse qualquer tipo de problema. A minha relação com os discentes sempre se mostrou bastante positiva, tentando criar um clima de aula favorável. Já tem sido hábito, esta escola receber professores estagiários e a sua receptividade aos mesmos é feita com grande simpatia, por isso, julgo que não fui excepção.

ÉTICA PROFISSIONAL

Como nos relata o Guia de Estágio (2011-2012), “a ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do *agir profissional* do futuro professor. A ética e o profissionalismo docente são os pilares deste agir e revelam-se constantemente no quadro do desempenho diário do estagiário, surgindo as suas competências estruturadas em três níveis de desempenho do estagiário: nível de aprendizagem; nível de proficiência e nível de mestria.” Desde o início deste processo que é o Estágio Pedagógico, sempre o assumi como um grande passo para a minha profissionalização. A meu ver, este é o

ponto de passagem do dito “estudante” para o profissional numa área que sempre defendi e sonhei representar. Para todo este processo evolutivo muito participaram a co-Orientadora Cristina Cachulo, os meus colegas de estágios e os restantes colegas de Área Disciplinar. É sempre importante saber ouvir e respeitar as opiniões de alguém mais experiente, assim como é igualmente importante, em todo e qualquer momento, problematizar e questionar sobre o ensino: “e se fosse assim?” “e se eu tivesse feito desta maneira?” “será que isso é o mais correcto?”. Todas as profissões devem estar associadas a uma ética profissional que em muito correspondem à imagem do profissional. Devido a estes factores, tentei sempre cumprir com um código de ética que deve ser respeitado por todos os profissionais: assiduidade, pontualidade, respeito pelos docentes, colegas e alunos, o querer saber sempre mais, ser interessado e promover um trabalho em equipa mostrando capacidade de iniciativa e muito gosto por aquilo de faço. Caso estes pressupostos não sejam respeitados, o professor coloca-se numa posição um pouco delicada, uma vez que está constantemente a ser observado como um exemplo a seguir. É para os alunos que trabalhamos, é para eles que recai toda a nossa atenção e preocupação de poder transmitir-lhes atitudes e valores condizentes com as nossas obrigações. De uma forma global, penso ter cumprido com todos estes aspectos, dado sempre o melhor de mim em prol da aprendizagem dos meus alunos, da relação com os meus colegas, das minhas obrigações enquanto profissional e na ajuda na participação e organização de actividades correspondentes ao Desporto Escolar (Corta-Mato Escolar e Distrital, Mega Sprint, Distrital de Natação). Assumindo que por vezes os prazos de entrega de documentos não coincidiam com o previsto, esforcei-me no máximo para entregar toda a documentação pedida pela orientadora.

Relativamente ao trabalho desenvolvido em núcleo de estágio, tentei ser sempre o mais prestável possível com todos os meus colegas. O Grupo mostrou ser bastante coeso, onde a amizade e o espírito de grupo e equipa liderou qualquer tipo de adversidade que possamos ter encontrado ao longo deste caminho. Sempre que podia dar a minha contribuição com o colega que leccionava o mesmo ano que eu, fi-lo de bom grado, ajudando a manter o bom ambiente entre todo o grupo. Durante a organização/realização das duas

actividades que tivemos de desenvolver durante o ano para toda a comunidade escolar, dei sempre o meu contributo, ajudando os meus colegas em tudo o que me foi proposto.

Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Ser professor é muito mais do que uma simples profissão. Ser professor significa, antes de tudo, ser um sujeito capaz de utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para desenvolver-se em contextos pedagógicos práticos preexistentes. Isso leva-nos à visão do professor como um intelectual, o que implica ter uma maior abertura e responsabilidade em acções educativas. O professor acarreta em si a responsabilidade de formar cidadãos, que um dia serão o futuro da nossa sociedade. A interacção professor-aluno, possui características e reflecte efeitos que surgem a partir desta interacção no ambiente escolar, onde o desempenho está sendo constantemente avaliado, em razão das actividades que caracterizam a própria escola: o ensinar e o aprender. Neste processo de interacção social, o professor interage com os alunos e estes interagem entre si. Deste modo, o sujeito é interactivo, pois forma conhecimentos e constitui-se a partir das relações intra e interpessoais. É nesta troca de experiências com os outros e consigo que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência. Trata-se de um processo que caminha do plano social para o individual. Esta relação professor-aluno consiste na negociação de saberes e dizeres, facilitando, assim, a internalização das funções psicológicas superiores fundamentais para o desenvolvimento do educando, fazendo-nos reflectir sobre o papel primordial que o professor exerce no processo, uma vez que ele é o mediador da relação entre o educando e o aprendizado.

Dentro destas funções, durante este ano tínhamos como objectivo ainda instruir os alunos fazendo-os compreender como funciona todo o processo ensino-aprendizagem e como se conduz até ao sucesso profissional e pessoal. Dessa forma, com todo o cuidado e respeito pelas diferenças de cada um, durante o ano optei por, em grande parte das modalidades, separar os alunos

por Grupos de nível, para que não existissem diferenças ao nível das aprendizagens para alunos com diferentes capacidades. Sempre que possível, e como está referenciado nos Programas, a Educação Física deve ser inclusiva – optei por colocar alguns alunos como agentes de ensino, responsabilizando-os pelas aprendizagens dos colegas, desenvolvendo assim competências do foro sócio-afectivo, como o companheirismo e a cooperação entres os alunos da turma.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

Planeamento

Como refere o guia de estágio, é pretendido “*desenvolver no professor estagiário, competências profissionais relativamente ao planeamento do ensino, fundamentadas nos conhecimentos profissionais e científicos de forma a atender ao enunciado dos programas oficiais, através duma selecção de objectivos, conteúdos, metodologias de ensino e estratégias adaptadas à realidade do contexto, relacionando entre si os dados recolhidos em vários momentos*”. Partindo deste ponto, foram construídos um conjunto de documentos fundamentais para o desenrolar de todo o processo ensino-aprendizagem levado a cabo com esta turma, tais como um Plano Anual, de onde resultaram planificações parciais, específicas da Unidade Didáctica e da própria aula.

Plano anual

A necessidade de estabelecer objectivos exequíveis para os alunos, com o intuito de alimentar as suas expectativas a partir de situações de aprendizagem propostas nas aulas, exigiu a recolha de informação detalhada e minuciosa sobre a população-alvo (como se pode verificar no Plano Anual), com a

finalidade de aumentar a qualidade das aulas a leccionar. É inquestionável que todo o processo de ensino-aprendizagem se deve a um processo que está associado um conjunto de reflexões executadas após a análise que é feita a todos os dados que são retirados da turma, do meio escolar, do meio de onde derivam os alunos, dos Programas de Educação Física.

O primeiro passo do planeamento é realizado com a caracterização da turma e, para isso, foi muito importante a ajuda do questionário entregue na primeira aula em que tive contacto com os alunos, para poder perceber ao certo em que meio os alunos estavam inseridos, uma vez que podiam estar sujeitos a algumas carências sócio-culturais. A caracterização acabou por ser um processo fácil de construir, uma vez que os alunos pertencem todos a uma área de freguesias circundantes à escola (que eu bem conheço por ser também originário desta região), sendo este processo facilitado, pois sou conhecedor de toda a realidade circundante à escola, quer em aspectos sociais e materiais. É fácil perceber também com esta caracterização, e o conhecimento do meio assim o permite, que a grande parte destes alunos estão desprovidos de qualquer infra-estrutura desportiva local. Para reforçar, o desporto nestas aldeias, para o sexo feminino, é visto ainda como algo menosprezado ao qual não é dado o devido valor. Posto isto, e tendo o Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho definidas quais as matérias e os objectivos essenciais/anuais da disciplina de Educação Física, partiu-se em conjunto com a co-Orientadora (também responsável pelos espaços/materiais desportivos da Escola) pela distribuição das matérias ao longo de todo o ano lectivo.

Em virtude das modalidades a abordar e dos espaços disponíveis para cada período lectivo, foram definidas as etapas para a leccionação de cada Unidade Didáctica, optando-se, assim, por abordar as modalidades de uma forma faseada (por etapas), com o objectivo de prolongar as matérias dando uma maior possibilidade de evolução e maior tempo de contacto dos alunos com a modalidade. No entanto, na preparação de cada Unidade Didáctica, e após o apuramento de resultados das avaliações diagnósticas, decidimos proceder a um conjunto de decisões de ajustamento procurando solucionar, especificamente, os problemas detectados e as necessidades reais e particulares dos alunos da turma de maneira a que os objectivos fossem

suficientemente alcançáveis por parte dos discentes. “O primeiro critério a nortear a selecção de conteúdos por parte do professor é a possibilidade destes permitirem o crescimento pessoal dos alunos” (Sheila Silva, 1996). Nem só para a Área das Actividades Físicas foram definidos objectivos a cumprir no final da mesma, neste Plano Anual ficaram também propostos objectivos para todas as áreas, contemplando também a Área da Aptidão Física e a Áreas dos Conhecimentos.

Ao produzirmos o plano anual, ficou evidente a necessidade de realizar um planeamento a longo prazo das matérias e seus objectivos a desenvolver durante o ano lectivo para a turma, enquadrado nas finalidades gerais e específicas da disciplina de Educação Física. Posto isto, e com a elaboração desse documento, numa fase inicial ficaram definidos um conjunto de estratégias e reflexões que achamos ser as indicadas para colocar em prática no processo de ensino-aprendizagem. Como ao longo do ano lectivo existem factores que não controlamos, considero esse um “documento aberto”, isto é, está sempre passível de ser alterado/rectificado a qualquer momento deste processo. No ensino deve-se traçar um plano global, integral e realista da intervenção educativa para um amplo período de tempo. É a partir dele que se definem e estipulam os momentos chave de intervenção pedagógica e temos uma análise global da turma e do meio em que esta está inserida. Uma vez que a esmagadora maioria dos alunos é pertencente ao mesmo meio, a Área Disciplinar viu-se na necessidade de reorganizar os conteúdos e objectivos comportamentais a atingir por cada Unidade Didáctica, de maneira a uniformizar um currículo que melhor se adequa às necessidades dos alunos desta escola.

Com a realização deste documento pude concluir que um professor que queira ser eficaz no desempenho da sua profissão, terá de organizar/estruturar todo este processo complexo de forma a poder realizar um ensino com igualdades de obtenção do sucesso, em que todas as suas ideias sejam congruentes com o nível dos alunos que encontrará no seu percurso. Para isso é necessário que todo esse trabalho resulte de um processo reflexivo para que todas “as peças do puzzle” possam encaixar

Unidades Didácticas

Segundo Bento (1998), as Unidades Didácticas são parte integrante e fundamental do programa de uma disciplina, pois constituem unidades integrais do processo pedagógico e apresentam ao professor e aos alunos etapas bem distintas do processo de ensino – aprendizagem. A construção deste tipo de documento permite ao professor, planificar toda a Unidade Didáctica (UD) com o intuito de fomentar o sucesso no processo ensino-aprendizagem das modalidades abordadas. Após a realização da avaliação diagnóstica de cada UD, além de analisar o desempenho dos alunos, elaborei um documento com os objectivos a atingir para cada UD e as estratégias que iriam ser utilizadas para alcançar esses mesmos objectivos. Esta documentação foi imprescindível e de grande utilidade para o auxílio da minha acção educativa. A construção deste documento foi fundamental para o meu enriquecimento ao nível de conteúdos e regras existentes em algumas modalidades que nunca em todo o meu currículo académico tinha abordado.

Estes documentos concebidos para todas as UD foram cingidos por uma linha orientadora e sistematizada, com o objectivo de orientar de uma forma construtiva todo o processo de ensino-aprendizagem. A sua elaboração, teve em conta os Programas Nacionais de Educação Física para o Ensino Secundário, as decisões tomadas em Área Disciplinar (tendo em conta a construção dos objectivos anuais de escola para determinadas modalidades), a disponibilidade dos recursos materiais e espaciais, tendo em conta o *roulement* fornecido no início do ano lectivo, bem como as características da turma que me foi proposta. A consecução deste documento não tem apenas como objectivo planear o ensino e dar a conhecer ao professor e aos alunos os objectivos e conteúdos que pretendemos alcançar, deve também contemplar conteúdos relativos à melhoria da saúde, através da escolha de exercícios que consigam dar a entender ao aluno, com o auxílio do professor, as dosagens adequadas para uma melhoria do estado de saúde, do desenvolvimento e preparação do seu físico. Desta forma, para além dos conhecimentos práticos, é importante que os alunos adquiram conhecimentos teóricos, não apenas sobre os fundamentos e regras da modalidade, mas também noções acerca de como ter uma vida activa e saudável fora da escola. No final de cada UD, foi

realizado um balanço acerca da mesma, onde comprovamos o que realmente se verificou de acordo com o que tínhamos planeado ou o que efectivamente necessitou de algum reajustamento. Em todas as Unidades Didácticas isso foi um facto, confirmando o meu pensamento anterior quando afirmava ser deveras importante planear uma UD. É daí que saem todas as previsões de como esta se vai desenrolar, mas conscientes de que no seu desenrolar podem ser efectuados alguns ajustes.

Planos de Aula

A elaboração dos planos de aula foi o último passo a delinear no planeamento. Este é o toque final “diário” a dar a todo o planeamento realizado para trás, uma vez que é o mais sistemático. O plano de aula é algo que deve servir de orientação para o professor, mas ao mesmo tempo deve facilmente ser perceptível para que outro docente o possa pôr em prática; é o culminar fundamental da orientação do processo de ensino-aprendizagem e deve seguir uma lógica pedagógica, estando intimamente ligado à sequencialização de conteúdos proposta para determinada Unidade Didáctica, tendo em consideração tudo o que foi programado, a evolução dos alunos e a adequação das tarefas à aula, consoante os comportamentos apresentados pelos alunos, garantido assim o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, a cada aula nova, procurámos atingir um nível cada vez mais elevado, adequando os exercícios às características dos alunos, aos seus níveis de desempenho qualitativo, onde a estruturação fosse de fácil compreensão, privilegiando a organização e economizando tempos de espera e transição.

Relativamente à realização desses planos de aula, iniciei com alguma dificuldade e fui evoluindo ao longo do tempo, como na esmagadora maioria dos aspectos vividos no processo de estágio. Numa fase inicial, senti algumas dificuldades na construção dos planos de aula, demorando algum tempo, não só na escolha dos exercícios mais adequados para alcançar os objectivos pretendidos e que fossem directamente ao encontro das dificuldades dos alunos, mas também na definição do tempo parcial de cada tarefa, dando maior

ou menor importância a cada uma e, por último, na diferenciação entre componente crítica e critério de êxito.

A ajuda permanente e os constantes balanços de aula realizados em conjunto com a co-Orientadora Cristina Cachulo, foram bastante importantes para o aumento da minha experiência e da minha capacidade reflexiva. Associado a este factor, o maior tempo reservado para reflexão e realização do plano de aula, ajudou a que outros aspectos importantes a ter em consideração fossem cuidados, como os tempos de transição e o tipo de tarefas escolhidas para as diferentes aulas. Para isso, em muito ajudaram também as fundamentações que eram realizadas aquando do planeamento da aula. Era um trabalho de casa, feito à base da reflexão e correcção das aulas anteriores, fundamentando todas as escolhas realizadas para aquela aula. Outro aspecto foram os relatórios de aula, realizados após as mesmas, onde eram abordadas todas as fases da aula, onde se reflectia sobre pontos positivos e negativos ocorridos na mesma, onde eram indicadas as dificuldades dos alunos e onde eram aproveitadas algumas notas para ajudar na construção da Grelha de Avaliação Formativa.

Só com o passar do tempo e com os erros cometidos, vamos chegando realmente a conclusões plausíveis passíveis de serem modificadas no restante percurso. É fácil ser o professor do “tomem lá uma bola e vamos jogar”, mas isto não é o que a Educação Física preconiza, não é esse o meu objectivo enquanto profissional perante as minhas turmas. Pretendo, ao longo de toda a minha carreira, pegar em todas estas experiências vividas e daqui melhorar o meu registo enquanto professor, aumentando os níveis qualitativos e o gosto dos meus alunos pela disciplina, proporcionando-lhes hábitos de estudo e estilos de vida mais saudáveis.

REALIZAÇÃO / INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

“O verdadeiro professor é um investigador e a sua investigação tem íntima relação com a sua função de professor. O professor deve: questionar-se sobre as razões subjacentes às suas decisões educativas, questionar-se sobre o insucesso de alguns alunos, fazer dos seus planos de aula meras hipóteses de trabalho a confirmar ou infirmar no laboratório que é a sala de aula, ler criticamente os manuais ou as propostas didácticas que lhe são feitas, questionar-se sobre as funções da escola e sobre se elas estão a ser realizadas.” (Siedentop & Eldar, 1989).

Segundo o Guia de Estágio, o professor deve otimizar todas as questões relativas à Gestão, à Instrução, ao Clima/Disciplina e às Decisões de Ajustamento. A melhor utilização do tempo potencial de aprendizagem nos domínios psicomotor, cognitivo e sócio-afectivo, da qualidade da instrução, do clima/disciplina, da gestão activa da aula e da avaliação serão as variáveis essenciais que deverão ser desenvolvidas pelo professor por forma a ir ao encontro daquilo que são as necessidades dos alunos e a uma responsabilidade ética que é intrínseca ao professor da Educação de Física. Estes objectivos foram cumpridos através de uma assiduidade e pontualidade relativamente à realização das aulas, assim como atitudes de cordialidade e respeito no exercício da condução do ensino-aprendizagem, como eu penso ter cumprido com o melhor de mim.

Gestão

Nesse sentido, ao nível da Gestão de aula, antes de iniciar o estágio sentia algum receio por não saber se conseguiria manter uma organização de aula correcta perante uma turma de 27 alunos do 12º ano. Com o avançar do tempo e com o conhecimento da turma mais elevado, fui capaz de prever quais as situações mais susceptíveis de existir, nomeadamente possíveis comportamentos inapropriados para a aula que iriam interferir com o decorrer normal da mesma. Os alunos mais “problemáticos” foram logo distinguidos nas primeiras aulas e, desde logo, decidi tomar medidas de prevenção durante a leccionação das aulas. Desde o início, a minha preocupação foi sempre que os

alunos tivessem o maior tempo de empenhamento possível, para que pudessem usufruir ao máximo dos já poucos recursos temporais que a disciplina apresenta. Esta maior antecipação de eventuais imprevistos fez com que tivesse maior percepção para a realização de mais rápidas transições de maneira a aumentar o tempo de prática. Em algumas Unidades Didáticas como o Atletismo, a Ginástica Acrobática e de Aparelhos, optei muitas vezes manter organizações de aulas um tanto ou quanto semelhantes, com o objectivo de criar rotinas nos alunos, para que os tempos de transições entre os exercícios fossem reduzidos. Antes do início das aulas, colocava todo o material necessário, devidamente orientado para que os tempo de transição entre cada exercício fosse o mais reduzido possível. A organização das aulas de Ginástica Acrobática foi realizada sempre em forma de estação, ocupando racionalmente o espaço de aula, mas aproximando as estações umas das outras o mais possível, tendo em vista o controlo de toda a turma.

Instrução

“Com o tempo a frequência das instruções vai diminuindo, a medida em que os alunos ficam mais competentes e conseguem dominar a actividade. Contudo elas não desaparecem por completo.” (Siedentop, 1991, p. 263). É através das instruções que o professor ganha a confiança do aluno. O aluno vê no professor alguém sábio, competente, um exemplo a seguir. Por isso, as instruções devem ser cuidadosamente bem preparadas, para que não possam ocorrer falsas ou faltas informações fornecidas aos alunos. Numa fase inicial, senti alguma dificuldade na preparação das instruções, até porque logo com a primeira Unidade Didáctica que abordei, a Ginástica Acrobática, nunca tinha tido qualquer contacto na minha formação académica. Isso fez com que as minhas primeiras aulas fossem de pesquisa constante acerca de informação relativa à modalidade para que as minhas instruções fossem mais ricas. Para isso fui-me aproveitando de recursos audiovisuais e gráficos para mais facilmente dar a conhecer aos alunos componentes críticas e critérios de êxito desejados para determinados exercícios. Tentei sempre ao máximo sintetizar as instruções, dizendo o essencial, colocando desde logo os alunos em prática,

fornecendo então *feedbacks* (FB) correctivos de maneira a que estes conseguissem corrigir os seus erros. No início de cada aula, optava por fornecer quais os objectivos e finalidades da mesma, clarificando as principais tarefas e relacionando-as com etapas anteriores ou posteriores da UD, tentando identificar em conjunto com os alunos os erros mais visíveis que pretenderíamos corrigir nas sessões vindouras. Relativamente aos FB, como em todas as questões neste Estágio Pedagógico, fui evoluindo ao longo da minha “caminhada”. Inicialmente os meus FB positivos em relação a uma boa prestação de um aluno eram escassos e este é um ponto fundamental de motivação dos alunos, pois eles têm de sentir por parte do professor que estão realmente a fazer as coisas acertadamente, para além de constituírem um factor primordial para criar um ambiente favorável à aula, uma vez que os alunos passam a demonstrar uma maior receptividade e disponibilidade e uma evolução no empenho pela aula. Sempre que notava um erro geral (na maior parte da turma) num determinado exercício, era demonstrado e explicado de novo algumas componentes críticas de maneira a que o erro fosse corrigido, em vez de andar individualmente pela turma inteira. De salientar que, sempre que possível, utilizava um aluno como exemplo como forma de me libertar para poder dar a instrução ao mesmo tempo que ocorria a demonstração.

Desde o início, talvez por alguma experiência com AEC (Actividades de Enriquecimento Curricular) em anos anteriores e/ou do treino de crianças e jovens no clube no qual ensino futebol, sempre demonstrei algum à-vontade na colocação da voz e no FB à distância, o que me serviu de ferramenta forte, uma vez que a turma era numerosa e geralmente os exercício estavam localizados distanciados uns dos outros. Ainda em relação aos FB, mostrei alguma dificuldade inicial em concluir o ciclo do FB. Essa é uma estratégia bastante importante nas instruções, ficar a ver as primeiras repetições, para perceber se de facto o exercício tinha sido ou não assimilado pelos alunos. Ao longo do tempo este foi um dos aspectos que fui conseguindo corrigir. Nas várias instruções realizadas ao longo da aula, procurei, sempre que possível, utilizar o questionamento como método privilegiado de ensino, de forma a envolver o aluno activamente na aula, estimulando e desenvolvendo a sua capacidade de reflexão, e verificando, ao mesmo tempo, a assimilação dos conteúdos transmitidos.

As instruções finais das aulas, eram todas elas feitas em forma de balanço, na qual era feito um “*rewind*” às prestações tidas na aula e durante o restante período, questionando os alunos, tentando criar neles uma imagem daquilo que pretendíamos que não realizassem incorrectamente.

Clima/Disciplina

Segundo Fernandez-Balboa (1990); Veenman (1984) e Willower (1975), “*um dos maiores problemas que o professor pouco experiente enfrenta é a criação dum clima favorável à aprendizagem na sala de aula, onde se integra a análise de situações indesejáveis e a gestão do comportamento do professor.*” Ainda assim, daquilo que foi a minha experiência durante este ano de estágio, fico com a sensação que consegui criar um clima de aula positivo e propício à aprendizagem dos alunos, excepto alguns episódios de alguma inércia demonstrada por alguns alunos que criavam um clima um pouco mais tenso nas aulas, que facilmente era ultrapassável. Para isso, procurei, sempre que possível, colocar no aquecimento exercícios recreativos que fossem ao mesmo tempo contextualizados com as Unidades Didácticas em questão, capazes de provocar, logo desde o princípio da aula, um estado de excitação nos alunos, favorável à sua aprendizagem. Tentei sempre que possível propor tarefas desafiantes e adequadas ao nível dos alunos (mostrando-me compreensivo para as suas dificuldades) sem quebras do ritmo da aula e sem grandes momentos de espera, o que fez aumentar a sua motivação e proporcionou um bom clima de aprendizagem. Durante as aulas, depois de identificados os alunos “alvo”, foram tidas algumas estratégias de separação de alguns alunos mais conversadores e grandes desestabilizadores da turma. Por intervenção minha e talvez pela maior motivação que foram encontrando nas modalidades com o desenrolar do ano lectivo, os alunos foram ficando cada vez mais fáceis de controlar, não sendo necessário intervir tantas vezes para chamar a atenção de comportamentos menos desejados. “*Os professores de sucesso tendem a enfatizar, no diálogo com os alunos, os aspectos curriculares em detrimento do mau comportamento que, a verificar-se, é um sintoma de elevados níveis de comportamentos de indisciplina.*” Pieron (1988). Esta sempre foi a forma que

mais utilizei para controlar algum tipo de comportamento mais desviante dentro de uma “sala de aula”.

Estilo de ensino

Relativamente ao estilo de ensino que optei por utilizar nas minhas aulas, foi maioritariamente o estilo por comando e por tarefa, permitindo desse jeito conseguir ter um maior controlo sobre a turma, logo a partir das primeiras aulas das Unidades Didácticas, por forma a ter uma turma organizada, um uso eficiente do tempo, um alto empenho na tarefa e uma progressão rápida, dando ao aluno tempo para trabalhar individualmente, possibilitando-me dessa forma fornecer feedback individualizado, através de uma monitorização pelo espaço que me permita observar as suas prestações e interagir com eles sobre as suas dificuldades/facilidades. Estes estilos de ensino permitem ter um controlo global da turma e existe maior facilidade do aluno em responder rapidamente ao estímulo, cortando então nos tempos de transição. Por vezes utilizei, igualmente, o ensino recíproco, procurando com isso desenvolver um raciocínio conjunto e a tomada de decisão com base em diversas opções, colmatando as dificuldades individuais de cada um e melhorando a relação interpessoal e o sentido de cooperação, indo de encontro às finalidades da Educação Física Escolar. A criação de exercícios em que conjugassem a junção de dois níveis de proficiência diferente, permitiria que os alunos com menos dificuldades pudessem contribuir para o desenvolvimento dos discentes que encontrava mais dificuldades em determinadas matérias. Especificamente na modalidade de Ginástica Acrobática, na abordagem das pegadas e dos montes e desmontes, optei por utilizar a descoberta guiada, com o propósito de proporcionar ao aluno a descoberta destes conceitos, respondendo a uma sequência de questões lançadas pelo professor, desafiando o seu intelecto. Também nas modalidades de Jogos Desportivos Colectivos de invasão, numa fase mais adiantada da Unidade Didáctica, optava por este tipo de estilo de ensino, com o objectivo de exercitar a capacidade de leitura de jogo do aluno.

Avaliação

A avaliação é um processo contínuo e sistemático, o qual deverá ser realizado num ambiente positivo e de incentivo ao sucesso. O professor, ao acompanhar os alunos, deve estar sempre atento para observar não só a sua prestação motora como a sua evolução e o seu comportamento sócio-afectivo. Assim, as suas decisões serão fundamentadas com base nesta avaliação, quer relativamente às grandes decisões, como a alteração do plano ou reformulação de estratégias, quer relativamente às pequenas decisões, como a correcção, o elogio ou o incentivo. Segundo Bento (2003) *“a avaliação está intimamente ligada à planificação e realização, porque sem elas a avaliação não faz sentido, acresce que a análise do processo e do produto complementam-se uma à outra”*.

Assim, e segundo nos diz o Guia de Estágio (2011-2012) “o estagiário deverá produzir os documentos de planificação da avaliação das aprendizagens e os relatórios de Avaliação Diagnóstica, Formativa e Sumativa, referidas às aprendizagens dos alunos nas diferentes dimensões do planeamento e da intervenção e fornecendo indicações acerca das diferenças entre os resultados esperados e os alcançados. No fim de cada aula, o estagiário, deverá anotar as informações resultantes duma reflexão crítica (decisões de ajustamento), acontecendo o mesmo no final de cada unidade didáctica, período e final do ano lectivo.

Este, terá sido o ponto que me suscitou mais dificuldades e dúvidas ao longo de todo este processo do Estágio Pedagógico. Logo no início do ano, foram questionadas as percentagens a dividir pelas diferentes Áreas da Educação Física. Durante todo o processo ensino-aprendizagem fui encontrando algumas barreiras nas diferentes avaliações (Diagnóstica, Formativa e Sumativa) que mais a frente enunciarei. A Educação Física apresenta dificuldades conceituais no processo avaliativo como as demais disciplinas que compõem o currículo da escola, mas há um agravante nessas dificuldades na nossa área (Pedro Farias et al, 2011). A falta de consideração pela disciplina de Educação Física é algo bastante frequente e encontra barreiras em relação à postura dos pais e colegas de trabalho, esta última foi

algo que me chocou bastante ao ouvir a opinião de alguns colegas professores de outras disciplinas.

Avaliação Diagnóstica

Para Damião (1996, p.160) a Avaliação Diagnóstica é *“destinada a proporcionar o conhecimento dos pré-requisitos dos alunos (conhecimentos, interesses, capacidades, aptidões), a consequente orientação na aprendizagem e a comparação dos progressos. Permite, assim, o estudo das dificuldades da aprendizagem assim como o seu prognóstico. Normalmente acontece antes de se iniciar um determinado processo de ensino e aprendizagem ou no caso específico da Educação Física, no início de uma unidade didáctica ou temática.”*

As Avaliações Diagnósticas foram realizadas todas logo nas aulas iniciais do ano lectivo, sendo esta uma decisão tomada em grupo de estágio, de forma a poder programar inicialmente todas as Unidades Didácticas até ao fim do ano, mesmo as que iríamos abordar nos restantes períodos sem ser o primeiro. A recolha dos dados relativos às Avaliações Diagnósticas foi feita através da observação directa do desempenho dos alunos nas primeiras aulas de cada bloco de matérias. A Área Disciplinar do Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho definiu e aprovou, de acordo com os Programas Curriculares da Disciplina e as condições reais de ensino, as competências/objectivos comportamentais terminais de cada Unidade Curricular a atingir no final de cada ano de escolaridade em que a mesma é abordada. Posto isto, ficou definido em Núcleo de Estágio que se iria apresentar aos alunos na Avaliação Diagnóstica os mesmos objectivos finais pertencentes ao último ano em que abordaram a Unidade Didáctica. Acrescente-se ainda que, por decisão tomada em Área Disciplinar, para as modalidades a abordar pela primeira vez no currículo dos alunos, não foram realizadas as respectivas Avaliações Diagnósticas, sendo propostos os conteúdos e objectivos comportamentais terminais do nível introdutório definidos no Programa Nacional. Foi criada uma grelha para registo de dados

durante a aula, observando as prestações dos alunos, classificando-as segundo os parâmetros referidos anteriormente. Após registar os dados em papel durante a aula, foram introduzidos os resultados no programa *Excel* da *Microsoft Office* e analisados posteriormente. Essa grelha foi criada para facilitar o registo dos dados e permitir ter uma avaliação mais precisa dos alunos. A maior dificuldade que senti nas Avaliações Diagnósticas foi transpor a observação para um registo numérico, que inicialmente me causou alguma confusão. Era-me difícil detectar as dificuldades e o erro na execução dos alunos, principalmente em modalidades em que eu não estava tão familiarizado. Levou-me a concluir que para o futuro, devo antecipadamente fazer uma preparação muito mais aprofundada em todas as matérias para que as minhas intervenções pedagógicas, conseqüentemente aumentem de qualidade. Uma vez que isso me aconteceu com a primeira Unidade Didáctica (Ginástica Acrobática, à qual já me tinha referido), as restantes foram sendo cada vez mais eficazes, uma vez que os conhecimentos acerca das modalidades eram muito maiores. Uma vez realizada a observação foram então colocados os valores numa grelha e feita uma análise a esses mesmos valores, para depois poder determinar qual o valor qualitativo do(s) aluno(s) e poder definir objectivos congruentes com as suas capacidades. Penso que este processo será bastante produtivo para o futuro, no entanto, procurarei sempre estar disponível a observar e experimentar novas técnicas de realização deste tipo de avaliação.

Avaliação Formativa

“Destinada a fornecer informações aos professores, alunos e encarregados de educação, acerca do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e, assim, apoia decisões de aperfeiçoamento.” (Damião 1996, pp. 160 - 161).
Pode acontecer pontualmente durante o processo de ensino e aprendizagem, que como já referimos, para fornecer informações aos interessados acerca do desenvolvimento dos alunos. A Avaliação Formativa envolve *“processos utilizados pelo professor para adaptar a sua acção pedagógica em função dos progressos e dos problemas de aprendizagem observados nos alunos.”*,

(Bloom, 1971). Este tipo de avaliação permite realizar uma acção reguladora entre aquilo que é o processo ensino e o processo de aprendizagem. Em todas as aulas eram feitos registos, ao máximo de alunos possíveis identificando alguns progressos ou retorno no ritmo das suas evoluções. Pelo que me pude aperceber durante este ano de estágio, é praticamente impossível observar todos os alunos da turma na mesma aula, sendo ainda por cima a minha turma bastante numerosa, sem recorrer aos recursos audiovisuais. Estes recursos permitiram que eu pudesse preparar de uma forma mais consciente e organizada todo o processo de ensino-aprendizagem, determinando o grau de consecução dos objectivos, identificando possíveis erros existentes no processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que reorganizasse as estratégias utilizadas de maneira a poder combater alguns problemas existentes no processo. Cardinet (1983) realça a função pedagógica de regulação dos processos de aprendizagem. Isto é, a avaliação formativa está directamente relacionada com o planeamento que realizamos para a Unidade Didáctica, esta ajudou-nos a ajustar todo o processo que deve ser levado de uma forma criteriosa. Para Nunziati (1998), *“a Avaliação Formativa visa a regulação do processo aprendizagem, virada para o aluno, inclui os agentes da auto-avaliação, hetero-avaliação e co-avaliação, significa que o aluno deve possuir os critérios da sua própria aprendizagem.”*. Foi também através desta lógica que ficou decidido Grupo de Estágio, optar pela realização de fichas de observação mútua uma estratégia de observação mútua, em que os alunos eram possuidores dos critérios da sua aprendizagem e através da observação e auto-análise realizarem uma auto-avalição. Foi criada uma grelha de registo, que permite ficar com uma impressão de quais as maiores dificuldades observadas nos alunos e quais as melhores estratégias a adoptar para as sessões seguintes. O preenchimento das fichas de Auto – Avaliação e observação mútua, já referidas, afiguram-se com outros aspectos bastante importantes, na medida em que, para além de serem estratégias de aprendizagem (perspectiva formativa da avaliação), são também uma forma de envolvência dos alunos neste processo. Um aluno que reconhece o alcance de determinado critério de avaliação (modo de realização), reconhece a sua aprendizagem e fica com melhor capacidade de se auto – avaliar.

Avaliação Sumativa

A Avaliação Sumativa encontra-se também descrita no Despacho Normativo 98 A/92, que refere: *"traduz-se num juízo globalizante sobre o desenvolvimento dos conhecimentos e competências, capacidades e atitudes do aluno."* (nº 25), tendo lugar, ordinariamente, no final de cada período lectivo, no final de cada ano e de cada ciclo de ensino, podendo, também, acrescentamos, ter lugar no final de uma ou várias unidades de ensino que interessa avaliar globalmente. A Avaliação Sumativa fornece um resumo da informação disponível, procede a um balanço de resultados no final de um segmento extenso de ensino. Esta permite-nos fazer um apanhado global para que possamos valorizar a aprendizagem realizada, determinar o nível alcançado pelo aluno e determinar a eficácia dos processos de ensino e aprendizagem. Não deve ser vista como um processo isolado, de um juízo de valor pontual, mas sim de um conjunto de apreciações e de observações que determinaram uma classificação final. A Avaliação Sumativa, na sua totalidade, integra não só o desenvolvimento de competências motoras como também a evolução dos alunos ao nível do desenvolvimento das capacidades motoras (Área da aptidão física) e Área dos Conhecimentos (descritivos) relativos a cada uma das UD abordada; aos processos de desenvolvimento das capacidades motoras, e ainda, conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas e fenómenos sociais, extra-curriculares, no seio dos quais se realizam as actividades físicas. Este foi um processo complexo, que me trouxe algumas complicações iniciais, assim como aquando da realização das Avaliações Diagnósticas. Este tipo de Avaliação, acaba por ser mais fácil de realizar, uma vez que já temos "gravados" quais os comportamentos dos alunos e quais as suas capacidades. Foi extremamente interessante ter realizado um "review" para poder perceber se realmente aquilo que foi preconizado teve o efeito desejado nos alunos, se conseguiram evoluir e cumprir os objectivos propostos e se as estratégias utilizadas tiveram o efeito desejado. Para este tipo de Avaliação foi também construída uma grelha de registo, inicialmente com a ajuda da orientadora, que facilitou a passagem da observação para o registo em numérico.

JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS

É inquestionável que o processo ensino-aprendizagem é assumido como um processo complexo, uma vez que as propostas conferidas no Plano Anual assentam num sistema dinâmico de negociação contínua, de interpretação, de investigação e reflexão, constituindo uma previsão “aberta” do acto educativo, ou seja, tudo é planeado mas nem tudo é concretizado.

Relativamente, à opção de organização do ano lectivo, a preferência relativa à escolha do Modelo de Ensino da Educação Física recaiu sobre o modelo por etapas, contrariando aquele que é o modelo mais preconizado por todos os colegas do Grupo Disciplinar de Educação Física. *Um modelo de ensino é uma espécie de roteiro que o professor concebe primeiro e segue depois para proporcionar aos alunos possibilidades concretas de aprendizagem e desenvolvimento num determinado tema ou modalidade desportiva* (Ricardo, 2005). Mesmo tendo que respeitar o *roulement*, optamos por este modelo por achar que o mesmo é pouco explorado pelos professores. Ao realizarmos as Avaliações Diagnósticas todas no início do ano lectivo e ao observarmos as dificuldades dos alunos, decidimos então colocar as modalidades ao longo de todo o ano. Com esta opção, resolvemos romper com um “ensino massivo”, podendo facultar aos alunos novas oportunidades para o seu desenvolvimento. Desta forma, a nossa escolha, faz com que seja mais fácil e consistente a consolidação das competências promovendo a *diferenciação* dos conteúdos, do tempo, dos espaços, das estratégias e da formação de grupos, aplicando processos formativos que se adequem às possibilidades de cada um. Tudo isto tem em conta vantajosas aprendizagens dos alunos, contando com a possibilidade de transferir entre modalidades, e de modo a garantir uma mais efectiva e duradoura consolidação e consecução dos objectivos definidos.

A calendarização e periodização das matérias resultaram, como já foi referido, da análise efectuada à informação recolhida nas avaliações diagnósticas, determinando as prioridades e necessidades dos alunos, das prioridades entre cada matéria (nucleares e alternativas) e, ainda, dos limites impostos pela Rotação dos Espaços, dinâmica/possibilidades dos mesmos. A opção de abordarmos as três disciplinas do Atletismo, distribuídas ao longo dos três períodos, prendeu-se com a possível adequação dos espaços

disponíveis (embora em determinada fase da UD, necessitaríamos de espaço específico), e ainda por esta modalidade facilitar a integração dos processos de elevação da condição física. Outra das justificações para a escolha deste Modelo, prende-se com o facto de os alunos ficarem menos tempo sem realizar a prática de uma determinada modalidade, mantendo sempre presente, todos os pressupostos da mesma, por exemplo: consoante o modelo por Blocos, um aluno que tenha a modalidade de Futebol no 1º Período, e apenas a voltar a abordar no 3º Período do 11º, ficará quase um ano e meio sem ter contacto com a modalidade, visto que muitos alunos não têm acesso a qualquer tipo de referências desportivas fora da escola. Embora o Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho esteja bastante bem apetrechado em termos de instalações e equipamentos desportivos, existem algumas condicionantes à calendarização/periodização de cada matéria para cada turma (número de turmas no mesmo bloco horário, matérias que necessitam de espaços específicos, formas de trabalho e organização do ano lectivo dos restantes professores). Devido a este factor, existiu uma preocupação prévia na planificação das aulas iniciais (Avaliações Diagnósticas), relativamente aos espaços disponíveis impostos pelo Roulement, já definidos pela coordenadora dos espaços desportivos do Agrupamento de Escolas. O que quer dizer que, como no 1º Período apenas tinha disponível o Pavilhão Municipal às quintas-feiras, todo o meu planeamento para as aulas de Ginástica Acrobática – tanto de Avaliação Diagnóstica, como das restantes – foi pensado a partir deste ponto. Uma vez que à terça-feira, tinha apenas disponível um espaço no Agrupamento, optei por leccionar as outras duas modalidades nesse dia – Voleibol e Atletismo/Estafetas. Para o 2º Período, uma vez que optámos por abordar um Modelo por Etapas, decidimos por achar ser a mais vantajosa para as aprendizagens dos alunos, contando com a possibilidade de transferir entre modalidades, e de modo a garantir uma mais efectiva e duradoura consolidação e consecução dos objectivos definidos que durante este 2º Período iríamos abordar todas as modalidades previstas de serem leccionadas ao longo do ano. Posto isto, e como existiu uma mudança no Roulement no terminus do 1º Período, ficando o espaço do Pavilhão Municipal disponível apenas para as terças-feiras, optei por leccionar as modalidades que melhor se adaptavam para este espaço, a Ginástica Acrobática e a Dança, seleccionando

as restantes modalidades para leccionar à quinta-feira nos demais espaços diferenciados do Agrupamento – o Voleibol (conclusão), o Atletismo e o Andebol. Para o 3º Período agendei leccionar apenas duas modalidades – o Atletismo (pelas razões já referidas), e o Andebol (modalidade que apresentava mais dificuldades por parte dos alunos, uma vez que era aquela que estes não abordavam há mais tempo, o que se veio a comprovar com os resultados das Avaliações Diagnósticas).

Como nos podemos aperceber, as matérias foram seleccionadas e planeadas de forma “aberta”, sendo que toda a distribuição foi realizada sempre com a possibilidade de poder existir algumas alterações conforme fosse decorrendo o ensino de cada Unidade Temática, consoante as necessidades e interesses dos alunos, ou ainda, por propostas que possam partir dos mesmos.

Ainda de uma forma conclusiva, volto a referir que o modelo de ensino por nós sustentado/aplicado durante este ano lectivo, permite-nos aumentar uma etapa de consolidação de conteúdos, que numa fase terminal da disciplina (12º ano), parece-me o melhor caminho para estabilizar as aprendizagens em matérias onde mais alunos venham a sentir dificuldades e por outro lado, caso seja possível, desenvolver competências nos alunos com mais aptidões, experimentando níveis do programa mais exigentes. Desta maneira, demonstrou poder existir uma maior credibilidade e sustentabilidade numa resposta adequada a qualquer tipo de desvio que possa ter ocorrido no processo Ensino-Aprendizagem e talvez tornando as aprendizagens mais estáveis e duradouras. Com a Educação Física não pretendemos criar atletas de alto rendimento, mas sim que os alunos possam sentir a necessidade de exercício físico e ganhar o gosto por hábitos de vida mais activos e saudáveis. Para isso, contribuiu bastante a consolidação dos mais variados conteúdos nas diferentes modalidades.

REFLEXÃO

O professor deve sentir-se sempre como algo que está incompleto, ou seja, que nunca atingiu o estado de sabedoria plena. Para isso, deve instruir-se, reflectir e problematizar todas as questões relativas ao processo ensino-aprendizagem. Fazendo uma reflexão a todo o trabalho por mim desenvolvido ao longo deste ano lectivo, penso que no que diz respeito ao planeamento, deveria ter seleccionado mais uma matéria passível de ser incluída no 3º Período, de forma a aumentar o leque de experiências por parte dos alunos, facultando-lhes um contacto com novas modalidades e até para aumentar também a minha experiência na leccionação de uma outra modalidade alternativa. Um aspecto que me pareceu bastante importante para a minha evolução, foi a realização de uma fundamentação, aquando do planeamento das aulas. Esta estratégia permitiu-me facilitar a reflexão que era feita para a construção da aula, tendo em conta os objectivos e as dificuldades dos alunos observadas em aulas anteriores e os objectivos que pretendíamos atingir. Os constantes balanços realizados pela professora Cristina Cachulo em muito me ajudaram a evoluir neste ponto, que ainda necessita de maior aperfeiçoamento futuro da minha parte.

Uma estratégia que me pareceu pertinente ao longo do ano para o desenvolvimento dos alunos das diferentes modalidades foram as fichas de observação mútua. Estas foram determinantes, em grande parte, para o sucesso dos alunos, pois continham critérios de êxito e objectivos intermédios e finais a atingir pelos alunos, o que através da observação fez com que os alunos pudessem testemunhar da consecução ou não dos mesmos objectivos. Tanto pela parte dos colegas, como mesmo através de uma auto-análise aos comportamentos por eles tidos durante as aulas.

Relativamente às Avaliações - Diagnóstica, Formativa e Sumativa – em muito ajudaram a construção das grelhas de avaliação em que continhamos quais os objectivos comportamentais pretendidos para cada grupo de nível. No caso da grelha de avaliação formativa, os objectivos pretendidos para cada aula. A utilização de meios audiovisuais mostrou ser uma estratégia eficaz para que, em casa com mais atenção, pudéssemos observar as prestações dos alunos, uma vez que durante a aula os nossos olhares têm de estar

direccionados para “mil direcções” ao mesmo tempo. A dificuldade inicial, já referida neste relatório num ponto anterior, prendeu-se em grande parte, numa fase inicial, com a passagem da observação da prestação do aluno, para a colocação de um valor no papel e ainda a comparação entre alunos, para fazer a diferenciação entre avaliações distintas. A experiência adquirida ao longo do ano e o maior conhecimento que ia tendo dos alunos, foi-me ajudando a melhorar e a autonomizar as minhas questões relativas às avaliações. Sozinho era capaz de analisar caso a caso e decidir melhor.

Relativamente ao trabalho individual, tentei sempre ser o tipo de professor que se afigura do “eterno insatisfeito” procurando, em inúmeras vezes, reflectir e problematizar algo que me era dito. Por algumas vezes fui questionando a co-orientadora acerca de outras formas de orientar o ensino: “e se fosse deste jeito?” “ou do outro?”, melhorando o meu processo de investigação. Com o decorrer do tempo, fui percebendo que é necessário que o professor tente ao máximo sair da sua “zona de conforto”, investigue e possa apresentar novas tarefas para enriquecer a aula e aumentar a motivação dos alunos. Este ponto notou-se em grande escala na modalidade de Ginástica Acrobática, em que o meu conhecimento acerca da Unidade Didáctica era praticamente nulo e aos poucos fui caminhando e transformando também o meu próprio conhecimento, através da pesquisa bibliográfica, arriscando situações novas de aprendizagem. Ainda assim, tenho a plena consciência que ainda terei muito a melhorar, mas fico tranquilo sentindo que fiz, durante este ano, o máximo para poder evoluir da melhor forma.

Relativamente ao trabalho desenvolvido em grupo, tanto em Grupo de Estágio, como no Grupo da Área Disciplinar, mostrei sempre bastante solidariedade com os meus colegas e mostrei-me sempre disponível para ajudar em qualquer tarefa em que pudesse ser útil. As relações mantidas tanto num grupo como noutra foram excelentes, sendo que todos os profissionais deste Agrupamento de Escolas sempre mostraram grande apreço, respeito e compreensão pelo nosso trabalho. Já em relação ao Grupo de Estágio, o relacionamento mantido com todos os meus colegas só posso qualificar de excelente, pois eles também contribuíram em larga escala para o meu desenvolvimento como pessoa e como professor. Esta óptima relação ficou patente também nas duas actividades que organizamos para toda a

comunidade escolar. Outro aspecto para mim demonstrou ser de grande relevo, foi a inclusão de todo o grupo de estágio nas reuniões de Área Disciplinar. Apesar das nossas participações orais terem sido pouco frequentes, a presença nas referidas, serviu para perceber todos os pontos debatidos, relativos a todo o funcionamento quer de actividades, quer da organização dos espaços desportivos, entre outros.

Inovação nas práticas pedagógicas

Durante todo o processo de estágio, sempre foi uma das preocupações a inovação de novas formas de práticas pedagógicas, incluindo novas tecnologias, de forma a ir ao encontro das necessidades dos alunos. Dessa forma, foi sempre ponto de debate quais seriam os melhores meios a utilizar e quais as melhores alturas para os utilizar como fontes benéficas nas aprendizagens dos alunos. Deste modo, recusei, como anteriormente já referi, ser mais um dos profissionais pouco empenhados na sua profissão. Para Bento (1998) *“a qualidade das aulas de Educação Física deve ser avaliada na medida em que incluem a participação dos alunos nas tomadas de decisões, contemplam os seus problemas, questões e ideias, fomentam as relações sociais e tomam em consideração as diferenças de condições de aprendizagem”*.

Posto isto, tentei sempre criar nos alunos, as imagens de como era pretendido que realizassem todo o tipo de componentes críticas e critérios de êxito definidos para todas as modalidades. Através de amostragem de vídeos, com os melhores exemplos, nas mais variadas modalidades, pretendia que os alunos assimilassem o que era pretendido e pudessem aumentar a sua capacidade de observação e de auto-análise, podendo assim melhorar as suas prestações consoantes os FB recebidos. A avaliação do aluno fica sustentada quando acompanhada de um referencial criterial, sendo que o visionamento destes vídeos permite ao aluno ter percepção a que distância, ou não, este se encontra de determinados critérios. Como esta escola já nos permite (através plano curricular da Disciplina de Educação Física do Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho), a inclusão de modalidades como a Dança, tornou

possível a inovação nas aulas, saindo um pouco da “rotina” das modalidades constantemente abordadas nas escolas, como todos os Jogos Desportivos Colectivos, Atletismo e a Ginástica. Estas aulas trazem algumas desconfianças aos alunos do sexo masculino numa fase inicial, por estes considerarem ser uma modalidade feminina, mas acabam por depois ter uma boa aceitação e mostrarem motivação pela mesma. Para que, durante este ano, as aulas de Dança sofressem alguma inovação, pedi a contribuição do Professor Rogério (professor neste Agrupamento de Escolas e perito na modalidade de Dança) numa aula, para que os alunos pudessem ter acesso a outro tipo de estilos de dança e novas coreografias mais complexas. Este facto criou uma maior motivação nos alunos, que passaram a aceitar a modalidades de uma forma mais positiva.

Acerca do fornecimento dos conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas e fenómenos sociais extra-escolares, no seio dos quais se realizam as actividades físicas, foram utilizados meios informáticos através do programa *PowerPoint* para a exposição teórica destes conhecimentos.

Para terminar, a possibilidade que demos aos alunos com a realização das actividades propostas no Plano Anual de Actividades, correspondentes ao Projecto e Parcerias Educativas desenvolvidos pelo Grupo de Estágio, fez com que os alunos pudessem ter acesso a vários tipos de actividades que não podem aceder de livre e espontânea vontade fora da escola. Este penso que foi um ponto fulcral para os alunos desta escola, que fez com que todo o esforço por nós depositado nestas tarefas tivesse sido recompensado.

Dificuldades sentidas e formas de resolução

As dificuldades foram várias em determinados pontos ao longo de todo este processo de ensino-aprendizagem pelo qual passei. Esta fase é o concluir de uma fase de estudos, o que não implica que a minha procura pelo desconhecido não continue e que eu pare por aqui na busca de mais conhecimentos. Durante todo o meu percurso irei sentir dificuldades em determinados aspectos que com muito trabalho e dedicação, assim como fiz

durante todo este ano lectivo, tentarei ultrapassar, apesar de todas as barreiras que me possam aparecer. *“Necessitamos de conceber o professor de EF como um especialista comum conhecimento científico e pedagógico profundo, um profissional que realiza uma actividade técnica e reflexiva, que actua de uma forma crítica respeitando princípio séticos e morais, e que apresenta a disposição e capacidade para continuamente desenvolver e melhorar a eficácia do seu trabalho, perseguindo a dignidade profissional.”* (Carlos Costa, 1996).

Uma das dificuldades já referida mais em cima, verificou-se logo no início do ano lectivo com a realização das Avaliações Diagnósticas. A minha inexperiência em Avaliação era enorme e deparar-me logo com aulas iniciais de Avaliação foi algo que me deixou um pouco preocupado e um pouco perdido. Com a ajuda da co-orientadora na construção das grelhas de Avaliação, ficou um pouco mais fácil esta tarefa, bem como perceber em que moldes se iriam orientar os processos. Posto isto, apareceu de novo mais uma barreira que criou alguns problemas, que foi a construção das sequencialização de conteúdos. Foi difícil nas primeiras Unidades Didácticas criar unanimidade entre a sequência dada aos conteúdos que estavam já programados, principalmente naquelas em que tinha pouco ou nenhum conhecimento, como foi o caso da Ginástica Acrobática e da Dança. Tive também de realizar uma pesquisa bibliográfica intensa, visualizando vídeos interactivos, com o objectivo de debelar o desconhecimento que tinha acerca destas modalidades. Esta estratégia revelou-se extremamente eficaz para as construções das sequencializações seguintes. Para a resolução deste problema, em grande parte serviu também o incansável auxílio constante que era dado pela co-orientadora, que consoante foram sendo feitas mais sequencializações, as dificuldades ao nível deste planeamento foram-se reduzindo. Na realização das primeiras aulas revelei bastantes dificuldades, tanto na preparação e escolha de exercícios contextualizados com os objectivos da aula, como na leccionação da mesma. Mais uma vez, o papel da orientadora revelou ser bastante importante na minha evolução, uma vez que no final de todas as aulas, da primeira à última aula leccionadas, eram realizados os balanços da mesma, onde aí me eram dadas sugestões relativas à eficácia e adequação que alguns exercícios, estratégias e progressões pedagógicas que poderiam ter sido utilizadas naquelas aulas, ou que pudessem ser utilizadas nas seguintes. Outra

estratégia facilitadora, foi a observação das aulas leccionadas pela co-orientadora, como está previsto no guia de estágio, e as aulas de outros colegas de Área Disciplinar que leccionassem outros níveis etários, onde daí poderia retirar ideias para uma melhor selecção dos exercícios e estratégias pedagógicas a utilizar nas minhas aulas. Ainda relativamente às aulas, no que diz respeito às multidisciplinares, durante o 2º Período, tentámos realizar a experiência de leccionar ao mesmo tempo, na mesma aula, as Unidades Didácticas de Ginástica Acrobática e de Dança. Desde logo percebemos que era uma experiência condenada ao insucesso, uma vez que a turma apresenta graves problemas de autonomia, o que fez com que fosse necessária a constante presença do professor por perto, para controlar as suas prestações. Isso tornava-se algo complicado, porque as dificuldades dos alunos na Dança eram imensas e necessitavam constantemente da minha presença para controlo e correcção. Na Ginástica Acrobática era necessário o FB constante para as posturas e o empenhamento depositado nas tarefas, uma vez que se o professor ficasse sem controlo visual da turma, imediatamente os alunos caíam numa situação baixo empenhamento motor. Devido a estes argumentos, optámos por continuar na mesma com aulas multidisciplinares, mas abordando primeiro a Dança com toda a turma, para de seguida abordar a Ginástica Acrobática, novamente com toda a turma. Por fim, a dificuldade na questão de instruir dois grupos de níveis diferentes, para exercícios diferentes. Após as primeiras aulas, rapidamente adoptei estratégias de colocar exercícios de transição que me permitisse instruir primeiro grupo, para depois ir para o seguinte. Um aspecto que não ficou, ainda, muito bem consolidado tem a ver com o fecho do ciclo de FB. Assim que dou o FB (nesta parte final do estágio apenas se verificava circunstancialmente) não esperava para ver se a informação tinha sido correctamente interpretada pelo aluno. Na maior parte das vezes, esse erro verificava-se devido ao facto de não querer manter os alunos muito tempo em exercícios de transição.

Apesar de alguns comportamentos desviantes demonstrados pelos alunos e destes terem sido facilmente controlados, foi notório o fraco interesse destes pela disciplina de Educação Física ao longo dos dois primeiros períodos, o que me causou uma imensa dificuldade na tentativa de corrigir erros identificáveis nos mesmos. A turma apresentou sempre pouco interesse na consecução de

objectivos mais ambiciosos, principalmente nas modalidades de Ginástica Acrobática e, inicialmente, de Dança. Este foi um processo difícil de resolver, mas com a ajuda da co-orientadora e ao fim de muitas e muitas chamadas de atenção, os alunos mostraram-se neste 3º Período num registo completamente diferente em termos de atitude e disposição para a aula, que ainda assim continuaram a manter grandes níveis de distração, já fruto de algumas características pessoais dos alunos. O meu objectivo foi sempre de alertar os alunos para o seu melhor, nunca chegando a um ponto extremo de autoritarismo, para que não pusesse em causa a relação pedagógica. Apesar destas pequenas contrariedades, a minha relação com os alunos mostrou ser sempre bastante profissional e cordial, existindo constantemente um clima favorável para as aprendizagens.

Questões Dilemáticas

Ao longo de todo este processo do Estágio Pedagógico, fui-me deparando com várias dúvidas que me foram ocorrendo e que fui tomando nota, para que mais tarde pudesse reflectir e ponderar. Algumas delas, a partir de certo momento, vi serem esclarecidas através do dia-a-dia e da experiência proporcionada pelo contacto com as situações reais, levando-me a retirar conclusões mais assertivas.

Chegando a uma nova realidade, tive de tomar a opção (em conjunto com a co-orientadora) acerca do modelo de ensino a escolher durante o ano. Pelo que me fui apercebendo, a maioria dos colegas de Estágio utilizam o modelo por blocos.

Após as Avaliações Diagnósticas, consoante o FB recebido pela co-orientadora (sendo que a mesma possuía um conhecimento de anos anteriores das capacidades individuais de cada aluno), depois de uma reunião realizada com todos os elementos do grupo de Educação Física para definir algumas questões relativas ao roulement e à distribuição das matérias e material, optou-se por seguirmos o modelo por etapas. Qual será a mais eficaz? Não tendo eu ainda experienciado nenhum modelo de ensino por blocos, penso que este será o modelo mais eficaz (por etapas), uma vez que é aquele que se preocupa mais a fundo com as dificuldades dos alunos, e é nesse sentido que se orienta

o nosso trabalho. Existe uma maior individualização e respeito por ritmos diferenciados de aprendizagem (alguns alunos numa matéria e os restantes noutra). Sem dúvida que deve existir maior trabalho de coordenação na gestão de recursos e materiais desportivos, entre todos os elementos do Grupo de Educação Física, ajustando as necessidades de cada um ao rolment inicialmente definido.

Outra questão que me parece ser bastante pertinente, será uma reanálise que deverá ser feita ao Programa Nacional de Educação Física. A Área Disciplinar de Educação Física do Agrupamento de Escolas, já prevendo uma total incapacidade para a consecução dos objectivos que são pretendidos no Programa para os diferentes anos lectivos decidiu realizar um novo formato para todos os anos lectivos, propondo objectivos que mostrassem estar mais de acordo com a realidade encontra nesta escola. Consoante a realidade escolar, os meios envolventes, a pouca prática e referência desportiva fora da escola, os poucos espaços desportivos para a prática da mesma, estes não serão objectivos demasiadamente ambiciosos?

Para a maioria dos alunos da minha turma, o desporto extra-escola é algo que não entra no seu quotidiano, sendo bastante mais difícil atingir um cumprimento efectivo dos objectivos propostos. Com apenas dois blocos semanais de 90 minutos, torna-se excessivamente árduo fazer com que os alunos possam assimilar alguns pressupostos, que mesmo sendo semelhantes em algumas modalidades, precisariam de mais tempo de exercitação para que pudessem ficar consolidados.

Pegando ainda nesta questão de apenas termos dois blocos semanais de 90 min cada um, torna-se bastante difícil poder desenvolver algum tipo de capacidades físicas, uma vez que fora da escola os alunos a maioria dos alunos aparenta levar uma vida sedentária. Paralelamente a este objectivo de desenvolver as capacidades físicas nas aulas, não podemos esquecer que temos um conjunto de conteúdos que têm de ser abordados ao logo das aulas para que possam atingir os objectivos finais propostos.

Para Cunha (1996) e Carvalho (1996) o desenvolvimento da força geral deve ser um dos objectos das aulas de Educação Física, visto o efeito positivo que essa capacidade tem para as actividades desportivas e recreativas ali realizadas. As utilizações de estratégias, por exemplo nas aulas de Ginástica

Acrobática tornam-se mais facilitadas, com a criação de sub-estações que permitem o desenvolvimento desta capacidade física que é a força. Já as aulas de Atletismo são aproveitadas para desenvolver em grande as vias aeróbias. No entanto, estes dois dias que apenas estão reservados para as aulas de Educação Física, afiguram-se com algo deficitário no panorama do desenvolvimento das capacidades físicas, e no meu entender era preferível que fosse aumentado para três, os dias de prática efectiva, como nos diz o Programa Nacional de Educação Física: *“A organização dos horários é uma condição de garantia de qualidade da Educação Física que não pode ser descurada, sob pena de coarctar o desenvolvimento dos alunos, designadamente ao nível das possibilidades de desenvolvimento da Aptidão Física e do seu efeito sobre a Saúde. O número de sessões semanais e a forma como são distribuídas ao longo da semana são um dos aspectos críticos na organização dos recursos temporais. Este programa foi elaborado na condição de existirem no mínimo três sessões de Educação Física por semana, desejavelmente em dias não consecutivos, por motivos que se prendem, entre outros, com a aplicação dos princípios do treino e o desenvolvimento da Aptidão Física na perspectiva de Saúde. Na actual revisão curricular do Ensino Secundário foi ampliada a carga horária de Educação Física para três horas, o que cria a possibilidade de aumentar o número de sessões de prática, sendo o cenário ideal para a sua distribuição 45'+45'+45'+45', admitindo-se, caso não seja viável, a hipótese alternativa de 3 sessões semanais (2x45min+1x90min).”* In (Programa Nacional de Educação Física). Na minha opinião, a melhor solução seria 2x45min + 1x90min, uma vez que as aulas de 90 minutos serão mais importantes já que existe um maior período de prática efectiva.

Outra questão pertinente prende-se com a necessidade de, juntamente com a importância de desenvolver as capacidades físicas nos alunos, associar a isso componentes teóricas que lhe permitam angariar um conjunto de princípios e noções, para que quando finalizarem o seu percurso escolar, no futuro, possam tornar-se autónomos identificando formas de desenvolver determinadas capacidades físicas. É importante que os alunos encontrem formas de se manterem activos e sejam capazes, através do visionamento de espectáculos desportivos, identificar que tipos de modalidades, regras estão inerentes aquelas actividades físicas.

APROFUNDAMENTO DO TEMA / PROBLEMA

Durante todo este processo de estágio, foram alguns os problemas sentidos em diversas fases deste mesmo percurso. Anteriormente, apresentei alguns dos temas que me intrigaram e despertaram algumas dúvidas, partindo então para uma busca de conhecimento que me permitisse fundamentar aquilo que são as minhas convicções enquanto principiante na minha carreira docente. No entanto, não significa que estas possam ser as melhores opções. Certamente outros docentes, partilharão de opiniões diferentes tendo outras perspectivas para o ensino da Educação Física. Serão necessários mais alguns anos de prática, para que possa posteriormente conseguir tirar conclusões mais sustentáveis através da experiência adquirida ao longo da minha carreira enquanto docente.

Entre todos estes temas, houve um que me chamou mais a atenção e foi algo que me inquietou durante todo o ano lectivo, uma vez que no passado pude vivenciar estas duas experiências. Os JDC constituem uma parte significativa da matéria do plano curricular da disciplina de Educação Física. Assim, considerando que a grande maioria dos alunos não tem experiência desportiva fora do contexto escolar e o seu nível/capacidade de interpretação táctica é reduzido, julgo ser fundamental que o tratamento didáctico destas matérias, complexas e exigentes, reduza o grau de complexidade e dificuldade da sua aprendizagem (Graça, 2003a).

Por outro lado, importa considerar, não esquecendo os objectivos a que se propõe a disciplina, o grande número de alunos por turma, a heterogeneidade dos seus níveis de desempenho, algumas limitações espaciais e materiais, e ainda, a frequência semanal de prática, que determinam a forma de estruturação do ensino das matérias e a gestão das próprias aulas.

As dúvidas que foram surgindo, levou-me também a questionar se a forma de abordagem dos JDC utilizado no treino desportivo, ou seja um modelo mais tradicional e faseado, seria o mais eficaz no contexto escolar. Não querendo, neste âmbito, dissertar sobre todos os modelos de ensino alternativos, versus modelos “tradicionais”, limito a minha análise e comparação entre o modelo de ensino dos JDC utilizado maioritariamente durante este ano de estágio, perspectivado por etapas de aprendizagem de complexidade crescente,

direccionando o processo ensino-aprendizagem do simples para o complexo (Queiroz, 1983) e um modelo alternativo, “Teaching Games for Understanding” que, face aos objectivos programáticos da disciplina e de prática desportiva a que a escola se propõe, poderá oferecer várias vantagens.

O modelo de ensino dos JDC (tradicional), preconizado por vários manuais do treino desportivo e utilizado nesse contexto, orienta o processo de abordagem do jogo, das acções individuais, para as acções colectivas, caracterizadas pelos comportamentos fundamentais de cada uma delas (Oliveira, J. 1994).

Desta forma, baseando-me neste modelo para definir as linhas orientadoras de estruturação do ensino, partindo da caracterização do nível dos alunos no sentido de identificar as suas necessidades de aprendizagem e ajustar o ensino às competências observadas, procurei individualizar e diferenciar os objectivos, considerando as possibilidades de cada um, foi realizada uma apresentação aos alunos daquilo que é o jogo formal, depois de identificarmos as maiores dificuldades de execução dos mesmos. Através de um ensino orientado caminhamos, inicialmente, através do desenvolvimento de conteúdos como passe, recepção e finalização, para passar para situações mais complexas de jogos reduzidos/condicionados até ao objectivo final que é o jogo formal. Para chegar a esse mesmo jogo formal, é necessário resolver um conjunto de problemas passível de hierarquização, em função da estrutura dos elementos de jogo: jogador, bola, colegas e adversários, não esquecendo o objectivo do jogo, concretizar, marcar golo ou ponto. Devido à complexidade do jogo, onde na maior parte dos casos, estes elementos: bola, posição no terreno, alvo, colegas e adversários, sejam demasiados para o seu nível de prática, impõe-se que a aprendizagem dos JDC seja faseada e progressiva: do conhecido para o desconhecido, do fácil para o difícil, do menos complexo, para o mais complexo. Desta forma, no ensino do jogo, deve atender-se num ponto de vista didáctico, a determinadas etapas de referência que correspondem a diversos níveis de relação existentes nos alunos entre: “Eu e a bola”, atenção sobre a familiarização com a bola e o seu controlo, onde desde logo aproveitamos para exercitar algumas das dificuldades que os alunos foram apresentando, como a transição defesa-ataque e a ocupação racional do espaço de jogo, “Eu, a bola e o alvo”, atenção

sobre o objectivo do jogo, a finalização; “Eu, a bola e o adversário”, combinação de habilidades, conquista e a conservação da posse da bola (1x1), procura da finalização; “Eu, a bola, o colega e o adversário”, jogo a 2 com passe e desmarcação de ruptura, passa e segue (desmarcação de apoio), contenção e cobertura defensiva; “Eu, a bola, colegas e adversários”, jogo a 3, criação e anulação de linhas de passe, com penetrações e coberturas defensivas; “Eu, a bola, a equipa e os adversários”, jogo de 3x3 até ao jogo formal, assimilação e aplicação dos princípios de jogo ofensivos e defensivos

Pensamos não ser demais lembrar que o jogo é uma unidade e, como tal, o domínio das diferentes técnicas (passe, condução, remate, etc.) embora se constitua como um instrumento sem o qual é muito difícil jogar e impossível jogar bem, não permite necessariamente o acesso ao bom jogo e à constância das melhores acções que dê ao jogo uma sequência correcta, no entanto era dada a possibilidades aos alunos de exercitar este conteúdos, realizando exercícios mais complexos que envolviam a relação entre o aluno e o adversário. Na selecção dos exercícios para o ensino dos JDC deve-se ter atenção para que estes sejam de acessível execução, de clara explicação e compreensão, de fácil e rápida organização e não muito exigentes do ponto de vista material. Há que ter em atenção, no meu caso isso não ocorreu uma vez que o Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho está extremamente bem servido em termos materiais escolares, mas existirá certamente escolas em que isso não se sucede e poderemos colocar em causa a aprendizagem de outras turmas, outros alunos, pensando única e exclusivamente nos nossos discentes. As necessidades demonstradas nos alunos através das Avaliações Diagnósticas, é que irão definir a necessidade de fasear o ensino e inevitavelmente à divisão do jogo por partes. No entanto, esta divisão em formas parciais do jogo, deve respeitar sempre que possível aquilo que o jogo tem de essencial, ou seja cooperação, oposição e a finalização. Como referi em cima, a partir do momento que se assimila/revê questões básicas relativas à relação do aluno com a bola, parte-se automaticamente para situações de 1x1, que respeitam as componentes essenciais do jogo formal. Estas situações permitem que *“simultaneamente, uma efectiva tomada de decisão que inclui, por exemplo, antecipação, reconhecimento de padrões e reconhecimento de*

sinais relevantes” (McPherson, 1994; Poolton, et al., 2005; Matias & Greco, 2010).

“É importante desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que transcenda largamente a simples automatização de gestos e se centre na assimilação de regras de acção e princípios do espaço de jogo, bem como de formas de comunicação e contra comunicação entre os sujeitos (Garganta, 1995).” O ensino numa forma mais básica, entendo que sejam abordadas algumas técnicas individuais, capazes de dar ao jogo o mínimo de sequencialidade necessária, para que não existam quebras acentuadas. Se isso acontecer, faz com que a motivação que o aluno tem pelo jogo se vá perdendo. No entanto e como afirma Garganta (1995), é com a utilização dos jogos reduzidos de oposição que melhor exercitamos situações de ocupação racional do espaço de jogo, a leitura de jogo, a tomada de decisão e alguns princípios de transição defesa-ataque. Estes foram pressupostos por nós utilizados ao longo do ano e que no meu entender dão mais resultado que optar por modelos de ensino alternativos. No entanto nem tudo é tão linear assim, mais à frente iremos perceber que existem também parcelas desses mesmos modelos alternativos que encaixam no modelo por nós preconizado.

Dos Jogos Desportivos Colectivos, por leccionados abordados este ano – o Voleibol e o Andebol – apenas o Andebol se afigura como um desporto colectivo de invasão, que permite transferir alguns daqueles que são os pressupostos comuns a todos os Jogos Desportivos Colectivos de Invasão. Em todos os JDC, existe uma inter-relação permanente entre ataque e defesa, decorrendo estes numa sucessão de situações que se designam por fazes de jogo. O ataque que se afigura como uma situação do jogo em que uma equipa tem a posse da bola e pode criar acções ofensivas no sentido de alcançar o objectivo do jogo (marcar pontos, golos ou cestos), e uma fase defensiva que corresponde uma situação do jogo em que uma equipa não tem posse da bola e procura recuperar a sua posse, sem permitir que os adversários concretizem as suas acções ofensivas, não cometendo infracções sancionáveis pelo regulamento. A estas fases de jogo comuns entre os JDC, agrega-se ainda a ocupação racional do espaço de jogo que se afigura como elemento importante no decorrer destes mesmo jogo. Este deve ser um trabalho de base, que na minha opinião deve começar logo nos primeiros anos de Educação Física no

currículo dos alunos, de forma a tornar a compreensão de todas acções técnicas que estão inerentes a cada modalidade mais fáceis de compreensão. Na minha opinião, ninguém consegue jogar, se não tiver o mínimo de conhecimento técnico capaz de dar sequencialidade às acções. A partir desse ponto, todo o ensino do professor deve recair sobre questões relativas à leitura de jogo e capacidade de interpretação do mesmo.

O conceito da TGFU (Bunker e Thorpe, 1982; Thorpe, Bunker e Almond, 1986) apoia-se na ideia da descoberta guiada, na qual os alunos são expostos a uma situação-problema para a qual devem encontrar soluções, alcançando um nível de compreensão tática consciente, encara o jogo como um contexto que oferece a possibilidade de aprendizagem a partir da integração de elementos sociais, culturais, físicos e emocionais. Essa perspectiva aponta para a importância e complexidade da ideia central do TGFU, segundo a qual a aprendizagem dos Jogos Desportivos Colectivos deve ocorrer dentro e a partir do contexto do jogo. Dessa forma, o conhecimento é construído nas relações que o aluno estabelece dentro da situação da aula, isto é, as habilidades e a compreensão do jogo, construídas durante a aula, estão relacionadas ao ambiente físico, social e cultural. Podem ser adquiridas através da prática em si, ou através da explicação por meios audiovisuais (Roberto Paes, 2009)

É importante ressaltar que o jogo corresponde a um momento que proporciona situações variadas e imprevisíveis. É composto por uma vasta rede de situações novas que se relacionam promovendo experiências significativas para o aluno. Paes (2001) também defende “*o jogo como uma importante ferramenta pedagógica no processo de iniciação de uma determinada modalidade. Ao jogar, o aluno aprende a lidar com os companheiros, com os adversários, com situações de adversidade que requerem inteligência e criatividade para serem solucionadas, aprende a importância das regras, a necessidade de conviver com as diferentes emoções que o jogo ocasiona*”. Enfim, o jogo envolve um contexto complexo, que contribui de maneira significativa para o desenvolvimento integral do aluno. Outro aspecto importante relacionado à proposta teórica do TGFU é o de que os jogos reduzidos praticados durante a aula, devem estar acompanhados de uma reflexão colectiva sobre a prática e a elaboração de estratégias para os próximos jogos. A partir dessas reflexões, é possível perceber que o professor

deve estar atento para intervir durante os jogos reduzidos propostos em aula. Entretanto, essa intervenção não deve ter como objectivo de corrigir os gestos técnicos dos alunos, mas sim promover perguntas, questionamentos que levem o aluno a uma reflexão sobre sua prática durante o jogo. As perguntas devem levar o aluno a analisar criticamente a sua actuação durante o jogo, promovendo uma compreensão e um conhecimento mais abrangente acerca da lógica do jogo.

Segundo a proposta pedagógica do TGFU, as habilidades do aluno são construídas a partir do contexto do jogo. É dessa forma que a aprendizagem faz sentido, e não quando o aluno aprende mecanicamente a execução de um gesto técnico, a partir da sua repetição, de forma isolada do contexto do jogo. Um movimento não tem um fim em si mesmo, mas deve sempre estar associado à percepção do jogo, à capacidade de criação do aluno, à capacidade de tomar decisões.

São apresentadas através de alguns estudos algumas vantagens deste método dos TGfU, Mitchell & Oslin, 1998; Wallhead & Deglau, (2004) onde mostram a sua opinião e o valorizam enquanto método de ensino. No caso do estudo de Mitchell e Oslin (1998), *“foi mostrado a capacidade de transferibilidade da aprendizagem, constatando que a compreensão táctica adquirida nas aulas se transferia para a compreensão de novos jogos relacionados.”* Noutro estudo, Wallhead e Deglau (2004) investigaram a motivação dos alunos quando sujeitos ao método TGfU. *“Os resultados revelaram que o modelo proporcionou uma experiência positiva, não ameaçadora para aceitar desafios, gratificante pela aquisição de competência táctica e intrinsecamente motivante pelo prazer proporcionado pelas actividades de jogo”.* Em Portugal existe, ainda, pouca investigação sobre a aplicabilidade do método e quais as formas correctas de a fazer. Na minha opinião, nem todas as vantagens que são apontadas na mais variada bibliografia, se verificam por completo na prática do ensino dos JDC através dos TGfU. Há que ter em atenção, que ensinar qualquer tipo de JDC a alunos do 7º ano que não tenham qualquer tipo de referência desportiva (situação bastante fácil de acontecer neste meio), os alunos entrarão em desânimo total por não conseguirem corresponder àquilo que são os objectivos do jogo. Ao não conseguirem desenvolver uma determinada acção técnica que lhes

permita desenvolver as acções de jogo, irá por em causa a sequencialidade das acções que por sua vez, na minha opinião, trará grandes níveis de desmotivação para os alunos. Essa foi uma experiência sentida muito este ano, quando abordei a modalidade de Voleibol, a maior parte dos alunos pertencentes ao nível de proficiência que apresentava maiores dificuldades, não conseguia manter uma sequencialidade das acções, ou manter sequer alguma objectividade no decorrer dessas mesmas acções. As constantes quebras, causavam algum desânimo nos alunos, que por sua vez tinha a sua repercussão no tempo de empenhamento motor verificado na aula. Nesta modalidade optámos por utilizar única e exclusivamente o método de ensino de uma forma mais tradicional, uma vez que as dificuldades apresentadas pelos alunos, mesmo aqueles que concorriam para o nível de proficiência *Avançado*, mostravam ser ao nível da sequencialidade e objectividade das acções. O Voleibol acaba por ser uma modalidade um pouco mais difícil para os alunos, pois como não existem preensão de bola, logo as dificuldades aumentam. Foi necessário tentar debelar questões relativas ao passe, recepção e finalização, não ao ponto de atingirem um nível exibicional altíssimo, mas que apenas conseguissem manter a bola jogável, para que as acções seguintes não fossem postas em causa. Optámos então de seguida, por construir o ensino da modalidade faseadamente, dando argumentos ao ataque para que este se pudesse expressar melhor em jogo. Depois de adquiridas estas noções íamos equilibrando as questões, dando argumentos à defesa e assim sucessivamente.

Relativamente ao Andebol, optámos por uma junção do modelo de ensino tradicional, com a inclusão de algumas questões relativas ao TGfU (Teaching Games for Understanding), onde numa parte final do ensino, eram aplicadas situações de jogos reduzidos, de forma a desenvolver nos alunos uma maior capacidade de leitura de jogo e tomada de decisão. No andebol pareceu-me que a falta de inclusividade por parte das alunas do grupo de nível inferior, jogou de uma forma negativa com a motivação do mesmo. Deve-se sempre que possível, criar dentro da aula grupos heterogéneos, para que os alunos de níveis de proficiência mais baixos, não se sentiam excluídos dos restantes elementos da turma e possam através do ensino recíproco aprender com os colegas mais evoluídos técnica e taticamente. Apesar de ter optado algumas

vezes por este estilo de ensino, penso que deveria ter sido num número bastante mais elevado. O nível da maioria dos alunos, embora com algumas diferenças, enquadra-se numa fase de iniciação de abordagem dos JDC e a nossa proposta de ensino procurou (partindo do objectivo do jogo e regras elementares), encontrar soluções para os problemas característicos durante praticamente toda a Unidade Didáctica, apresentados pelos alunos: desmarcação, progressão no terreno e das técnicas de base (aquelas que suportam as acções tácticas a desenvolver). Baseámo-nos num ensino dos JDC tendo em conta as possibilidades dos alunos, provocando as situações de aprendizagem de acordo com os problemas e as necessidades de os resolver, de forma a que a relação oposição/cooperação fosse evoluindo. Os princípios básicos da modalidade de Andebol, assentam naquilo que são os princípios de todos os Jogos Desportivos de Invasão. Após a primeira fase de ambientação à modalidade, foi a altura de passar para o ensino do jogo através de jogos reduzidos que tinham o objectivo de fazer o aluno a desenvolver a tomada de decisão, conseguindo fazer o transfer de outras modalidades colectivas, para o Andebol. Ao utilizarmos parte deste modelo (TGfU) fez com que a motivação dos alunos aumentasse. Ao chegarmos a situações de 3x2 e 3x3 (jogos reduzidos), ao mesmo tempo que exercitamos aquilo que são algumas das dificuldades demonstradas pelos alunos, aproximamo-nos da situação formal de jogo, o que acrescenta motivação para os discentes. Para que a aplicação deste modelo dê resultado, é importante que os alunos possam aplicar as práticas transferíveis de outras modalidades. Este modelo destaca a vantagem da aprendizagem cognitiva antes da aprendizagem das habilidades motoras (ou seja, coloca primeiro a importância do “porquê” antes do “como”). Para reduzir a complexidade do jogo formal, apresenta formas de jogo modificadas. A aplicação de este tipo de modelo pode trazer algumas desvantagens, pois se os alunos não têm presentes as práticas transferíveis dos mais variados desporto de invasão, faz com este seja um processo mais demorado e pode vir a trazer alguma desmotivação para o aluno.

CONCLUSÕES

Experiência pessoal e profissional

Ao realizar um “*flash-back*” a todo este processo de Estágio Pedagógico e cruzando dados daquilo que eram as minhas expectativas iniciais, antes mesmo de este trajecto começar, com a experiência e conhecimentos adquiridos no mesmo, retiro daqui enormes ilações positivas e construtivas. Este foi um caminho árduo, em que usei, com o auxílio da co-orientadora procurar novas soluções, novas ideias que possam melhorar a aprendizagem dos alunos, desde logo com a inclusão de um estilo de ensino por etapas. Estes desafios, trouxeram ao mesmo tempo grandes acumulações de trabalho, uma vez que tivemos de realizar todas as avaliações diagnósticas nas primeiras aulas do ano lectivo e respectivos relatórios.

Relativamente a todo o planeamento por mim realizado, a questão dos Planos de Aula e das Unidades Didácticas foram aqueles que inicialmente me suscitaram mais dificuldade. É necessário um planeamento correcto das Unidades Didácticas, para que todo o processo ensino-aprendizagem não seja posto em causa. Esse planeamento das Unidades Didácticas, entrou paralelamente em discussão com os planos de aula, pois todos eles deviam seguir um planeamento lógico, devidamente estruturado, sem ultrapassar etapas definidas para aquilo que foram as dificuldades demonstradas pelos alunos. Os meus planos de aula foram melhorando ao longo de todo o ano, mas este é um ponto que sinto que devo melhorar daqui para a frente.

Além disso, há que acrescentar a forma como conduzimos o ensino. Em relação ao clima que achamos ser o ideal para que os alunos possam evoluir favoravelmente nas suas aprendizagens, nem sempre foi fácil de se estabelecer.

É importante que o professor marque a sua presença, não como alguém autoritário, mas como alguém que saiba liderar, sem esquecer um conjunto de regras estipuladas, para que todos possam ser favorecidos e que mais facilmente se observe o comportamento dos alunos passíveis de correcção. Este foi um desafio dos mais interessantes que encontrei, pois a minha turma

era algo desconcentrada e pouco autónoma. Foi um trabalho que demorou tempo, mas, no fim, a evolução dos alunos neste aspecto era bastante notória.

Ainda assim, devo concluir que existem aspectos a melhorar nestes pontos, nomeadamente a busca mais incessante por exercícios que possam ser ainda mais motivantes para os alunos, o mais contextualizados possível, com o objectivo de conseguir cativar os alunos mais cépticos e mais inertes no que toca a realizar algum tipo de actividade física.

De referir ainda, como já tinha relatado num ponto anterior deste relatório, a importância que para mim tiveram as reuniões de Área Disciplinar, uma vez me ajudaram a perceber todos os mecanismos utilizados para que a disciplina nesta escola possa ter os resultados esperados. Todos os assuntos debatidos, como plano anual, avaliações, Roulement, Desporto Escolar, entre outros, são aspectos relevantes que foram tratados sempre num grande ambiente cordial entre todos.

Outro aspecto relevante a ter em conta, foi o acompanhamento ao cargo de Desporto Escolar, ajudou-me a perceber como funciona todo este processo. Nesta escola, existem inúmeras ofertas de Desportos e foi bastante interessante perceber a organização que era “imposta” pelo Professor Jorge e participar directamente na organização e acompanhamento dos grupos-equipa às respectivas competições. Graças a todos os docentes desta escola o Desporto Escolar em Montemor-o-Velho mostra estar activo, vivo e em evidente crescimento, conferindo, por isso, uma mais-valia poderosa neste meio, onde existem ainda inúmeros jovens em que a única forma que têm de praticar desporto é no meio escolar.

Por fim e não menos importante, há que realçar a importância que a Supervisão Pedagógica teve na minha evolução enquanto professor. A função do supervisor é das funções mais relevantes, necessárias e que, sistematicamente, se encontra desafiada por alunos que se encontram num processo de mudança e desenvolvimento e pedem, articuladamente, constantes respostas para as suas questões e necessidades. Esse foi o meu caso e nunca recebi um não como resposta. A co-orientadora Professora Cristina Cachulo mostrou ser, tanto para mim como para todos os meus colegas, uma orientadora exemplar e distinta, apoiando sempre no que fosse possível e, por vezes, até no que parecia não ser possível, orientando o nosso

trabalho sempre de uma forma reconhecidamente profissional, zelando pela nossa constante aprendizagem.

“O estágio, surge assim, como uma componente fundamental do processo de formação do aluno estagiário, pois é a forma de fazer a transição de aluno para professor “aluno de tantos anos descobre-se no lugar de professor” Machado (1999), e a melhor forma de adaptação à nova realidade que irei encontrar no futuro, na medida em que, esta fase de iniciação decorreu sobre o apoio de outros professores, tendo como objectivo fundamental, ajudar o aluno estagiário a aplicar o conhecimento adquirido ou que está a construir, e também, ajudá-lo a encontrar as soluções mais adequadas para os problemas com que se depara no processo ensino/aprendizagem.

Foram incontáveis as minhas evoluções ao longo de todo este ano. Continuo e vou sempre continuar com a sensação que ainda sei pouco. Aquilo que sei não é suficiente. Nunca é. Continuarei ao longo de toda esta minha carreira, na busca daquilo que desconheço, na procura de alternativas para situações que não me parecem ser as ideais. Mas, e afinal, este é o trabalho do professor: ensinar, aprendendo consigo próprio.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, A. (2003). *Caracterização das Concepções dos Orientadores de Estágio Pedagógico e a sua Influência na Formação Inicial em Educação Física*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

BENTO, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte, Lisboa

BENTO, J.O. “Ideias para a actualização do conceito e da prática da Educação Física e do ensino na escola” *in Portuguese Journal of Sport Science*. Vol. 7, Nº 3, Setembro-Dezembro 2007

CAMILO CUNHA, A. (2008). *Ser professor. Bases de uma sistematização Teórica*.

FERNANDEZ-BALBOA, J.M. (1991). Beliefs, Interactive Thoughts, and Actions of Physical Education Student Teachers Regarding Pupil Misbehaviors. **Journal of Teaching Physical Education**. 11,1, 59 - 78.

GRAÇA, A. (1995), *O ensino dos jogos desportivos*. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto

GRAÇA, A (2003a). O modelo de competência nos jogos de invasão. In O. Ferraz & L. Dantas (Eds.), *Anais do VII Seminário de Educação Física Escolar: Educação Física e o ensino fundamental* (pp. 17-24). São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

HARGREAVES, A. (1994). *Changing Teachers, Changing Times. Teachers' Work and Culture in the Postmodern Age*. London: Cassell

MEDINA, J. *Educação Física Cuida do Corpo e da Mente*, São Paulo, Ed.Papirus, 1992.

Programas de Educação Física – Ensino Básico e Secundário

OLIVEIRA, M. T. (2002). *A Indisciplina em Aulas de Educação Física. Estudo das crenças e procedimentos dos professores relativamente aos comportamentos de indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física dos 2º e 3º ciclo do Ensino Básico*. Instituto Superior Politécnico de Viseu. Viseu.

PEREIRA, P. (2006). *Percepções e crenças dos professores estagiários em relação aos comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto.

PIÉRON, Maurice (1996). *Formação de Professores – Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Edições FMH. Lisboa.

SERPA, S. (1991). *Motivação para a Prática Desportiva*. In Sobral, F; Marques, A. Coordenação. FACDEX - Desenvolvimento Somato-Motor e Factores de Excelência Desportiva na População Escolar Portuguesa. Ministério da Educação. Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário. Direcção Geral dos Desportos. Lisboa: Gabinete Coordenador do Desporto Escolar.

SIEDENTOP, D. (1983). *Developing teaching skills in Physical Education*. 2 e., Ohio: Mayfield Publish Company,.

SIEDENTOP, D. (1998). Las estrategias generales de enseñanza. In Aprender a enseñar la educación física. . Barcelona: INDE (pp.273-294)

VASCONCELOS, C. (2000). *A reflexão: Um elemento estruturador da formação de Professores*; Disponível em http://www.ipv.pt/millenium/17_ect9.htm.

VEIGAS, J., Catalão, F., Ferreira, M., & Boto, S. (2009). *Motivação para a prática e não prática no Desporto Escolar*. Revista Psicologia. Consultado em 5 de Junho de 2011, através de <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0495.pdf>.

Textos de Apoio à disciplina de Estudos Avançados em Desenvolvimento Curricular do Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, da FCDEF - UC. 2010-2011.

Textos de Apoio à disciplina de Avaliação Pedagógica em Educação Física do Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, da FCDEF – UC. 2010-2011.